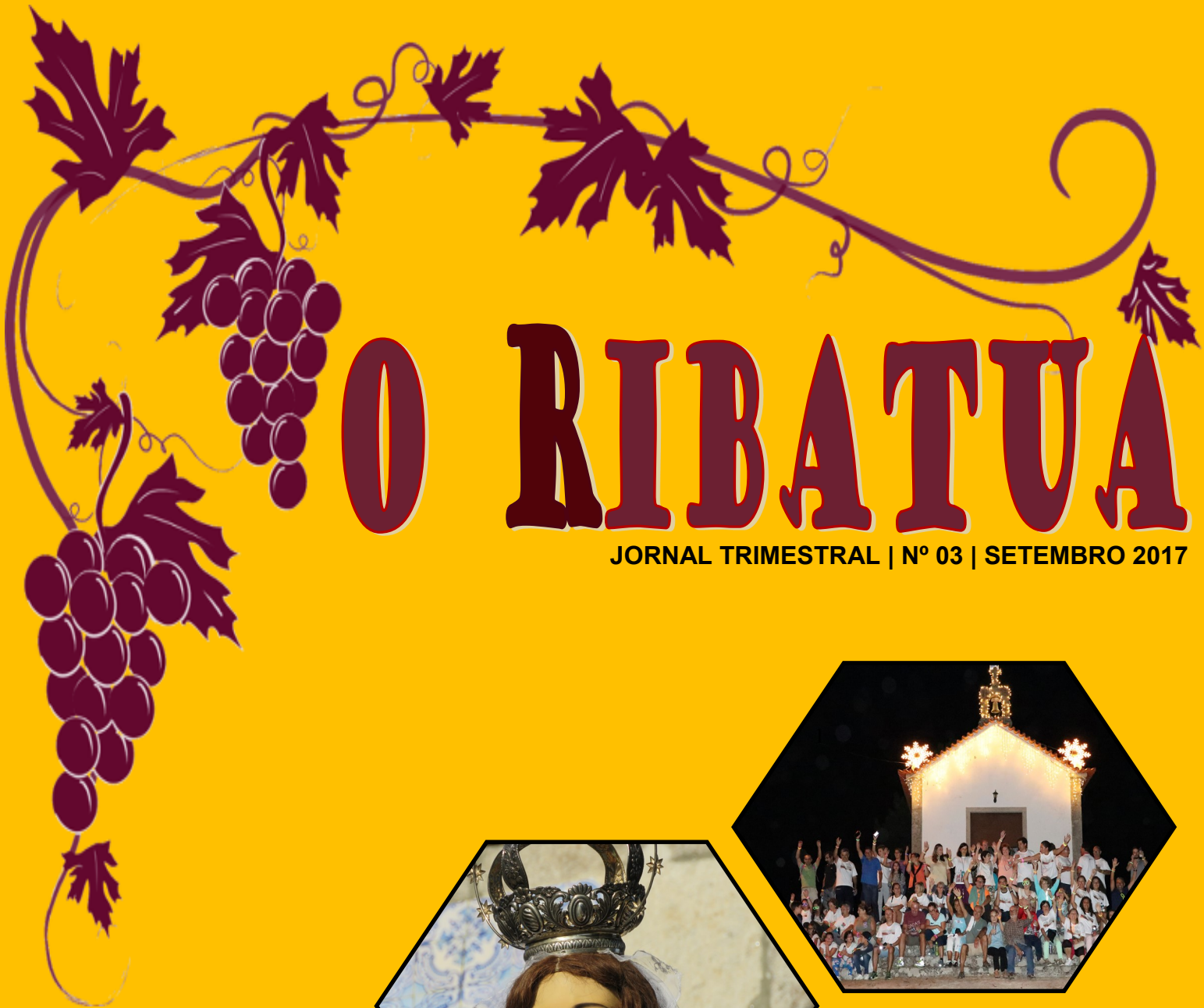




O RIBATUA

JORNAL TRIMESTRAL | Nº 03 | SETEMBRO 2017





Editorial

Pág. 3



Notícias da Associação Santo Mamede

Pág. 4

- Caminhada "Tua_Aventura"
- I Concurso de Instrumentos Musicais
- Passeio de Kayak no rio Tua
- Caminhada Noturna
- Visita à Quinta da Malafaia



Notícias de S. Mamede de Ribatua

Pág. 7

- Marchas Populares de Ribatua
- Concerto da Orquestra Juvenil
- III Edição dos Diálogos Culturais
- Festa de Santo Mamede
- Romaria em honra de Santa Eufémia e Nossa Senhora das Graças



Eleições Autárquicas 2017

Pág. 12

- Apresentação das candidaturas à Ass. de Freguesia de S. Mamede Ribatua
- Principais ideias e projetos de cada candidatura



Notícias da Região

Pág. 20

- Alterações Climáticas: as consequências estão à vista!
- Grande Incêndio de Alijó
- 3º Global Print esteve de volta ao Douro
- É tempo de vindimas!



Artistas da Nossa Terra

Pág. 26

- As estatuetas de barro do escultor José Joaquim Teixeira Lopes



História da Nossa Terra

Pág. 28

- Carta de foral de Ribatua (1262)
- O BREXIT no contexto Europeu e da nossa aldeia
- Valorização do caminho Romano de S. Mamede de Ribatua
- Os feriados de 5 de outubro e 25 de abril



A Ordem Jurídica

Pág. 34

- Síntese recapitulativa
- A Ordem Jurídica e os seus princípios formadores
- A Ordem Jurídica como Ordem Sedutora e Disputada
- A Ordem Jurídica como Elegibilidade Fundamental mas Alternativa



Humor vs Saúde

Pág. 37

- Os nossos órgãos durante uma bebedeira
- Anedotas



António Rocha
Presidente da Direção
da Ass. Santo Mamede

Nesta edição do RIBATUA deixo-vos esta interessante fábula, que há anos atrás li num post na internet, por ser pertinente com o momento que vivemos neste atordoado mundo de lideranças perigosas e, simultaneamente, perceber que a simplicidade das coisas pode fazer a diferença. Leiam com atenção.

Um cientista vivia preocupado com os problemas do mundo e estava resolvido a encontrar meios de minorá-los. Passava dias no seu laboratório em busca de respostas para as dúvidas. Certo dia, o seu filho de sete anos invadiu o seu “santuário” decidido a ajudá-lo a trabalhar.

Vendo que seria impossível demovê-lo, o pai procurou algo que pudesse distrair-lhe a atenção. Até que deparou com o mapa do mundo. Com o auxílio de uma tesoura, recortou-o em vários pedaços e, junto com um rolo de fita adesiva, entregou ao filho:

- Vou dar- te o mundo para consertar. Vê se consegues. Faz tudo sozinho.

Pensou que, assim, se livrava do garoto, pois ele não conhecia a geografia do planeta e certamente levaria dias para montar o quebra-cabeças. Uma hora depois, porém, ouviu a voz do filho:

- Pai, pai, já fiz tudo. Consegui terminar tudinho!

Para surpresa do pai, o mapa estava completo. Todos os pedaços haviam sido colocados nos devidos lugares. Como é possível? Como o menino havia sido capaz?

- Não sabias como era o mundo, meu filho, como conseguiste?

- Pai, eu não sabia como era o mundo, mas quando tirou o papel da revista para recortar, eu vi que do outro lado havia a figura de um homem. Quando me deu o mundo para consertar, eu tentei mas não consegui. Foi aí que me lembrei do homem, virei os recortes e comecei a consertar o homem que eu sabia como era.

Quando consegui consertar o homem, virei a folha e descobri que havia consertado o mundo!



Caminhada “Tua Aventura”



Realizou-se, no passado dia 8 de julho, mais uma caminhada/passeio pedestre, organizada pela secção “Tua Aventura”.

De manhã, bem cedo, concentraram-se todos os participantes na Associação Santo Mamede para efetuarem as respetivas inscrições, e para um pequeno reforço matinal para dar energia para a caminhada.

A temperatura adivinhava-se muito favorável para a prática desportiva, pois a manhã acordou fresca e com nuvens, contribuindo deste modo para um passeio ainda mais agradável.

Durante o passeio, os participantes puderam apreciar as belas paisagens da nossa freguesia, quase sempre com a albufeira da barragem de Foz Tua como pano de fundo, mas também a com nossa aldeia a contracenar com o verde das vinhas e dos montes.

Sempre com um espírito de grupo e sempre em convívio, os participantes lá foram caminhando, passando pelo “carpinteiro”, “jogal”, “bouço”, “escadavada”, “fojos”, “lavandeira” e por fim, novamente na Associação Santo Mamede.

Esta nova secção, denominada “Tua Aventura”, que foi recentemente criada, tem como objetivo organizar e promover várias atividades ao longo do ano, abertas para toda a comunidade, abrindo assim as portas da Associação Santo Mamede não só aos seus utentes, mas a toda a população.

No final, teve lugar mais um almoço convívio entre os participantes da caminhada, os utentes e amigos da associação, que puderam deliciar-se com uma bela sardinhada e um bom copo de vinho!

I Concurso de Instrumentos Musicais

Realizou-se no dia 25 de julho o I Concurso de Instrumentos Musicais com Materiais Reciclados promovido pela Santa Casa da Misericórdia de Alijó – Estrutura Residencial para Pessoas Idosas.

Entre alguns objetivos da atividade destacamos o incentivo à criatividade e a possibilidade de mais um convívio entre as IPSS's do Concelho.

Assim, lançado o desafio colocamos mãos à obra e o resultado foi uma magnífica guitarra que até em tamanho correspondia às originais. A obra, composta por papelão, jornal e fio de pesca foi realizada integralmente a partir de materiais reciclados e é da autoria do estagiário José Borges que na altura estava integrado na instituição.

De uma bela tarde de convívio resultou o terceiro prémio, que nos encheu de orgulho a todos, mas essencialmente guardamos um bom espetáculo de música proporcionado pela organização e mais um momento de diversão fraterno. É caso para dizer, foi música para os nossos ouvidos.



Passeio de Kayak no rio Tua

No dia 9 de julho, o grupo “Tua_Aventura”, organizou um passeio de kayak na albufeira do rio Tua.

De manhã, bem cedo, de modo a evitar as horas de maior calor, os participantes puderam disfrutar de um belo passeio nas “novas margens” do rio Tua, agora com a água da albufeira da barragem de Foz Tua na sua cota máxima.

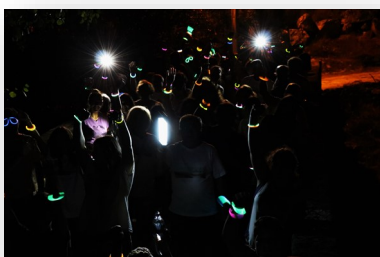
Foram cerca de 30 participantes que se fizeram à água, tendo as inscrições foram muitas e excederam a capacidade de lugares nos kayaks disponíveis, pelo que alguns interessados tiveram que ficar em terra firme e esperar por um passeio próximo.

Esta nova seção da Associação Santo Mamede, denominada Tua Aventura, é composta por um grupo de voluntários e tem como objetivo promover a prática de atividades desportivas, como caminhadas e passeios de kayak, bem como organizar e promover outras atividades de interesse geral, para todos os ribatuenses e outros participantes que estejam interessados em participar nestas atividades.

Deixamos aqui publicamente um agradecimento especial à direção do Grupo Pinhoense, pelo empréstimo de todo o material que foi necessário neste passeio e indispensável para o sucesso do mesmo.



Caminhada Noturna



Depois da hora de jantar, pelas 21:30h do dia 31 de agosto, foram muitos os que marcaram presença e participaram na primeira caminhada noturna que percorreu a aldeia feliz, organizada pelo grupo Tua_Aventura.

A concentração dos participantes fez-se, como é habitual, na sede da Associação Santo Mamede, onde foram distribuídas pulseiras e óculos “brilhantes” aos participantes de modo a “iluminarem” esta caminhada.

O percurso fez-se pelas principais ruas da nossa aldeia, passando pelo Outeiro, Ponte Romana, Jardim das Laranjeiras, subiu ao Bairro e à Capela de Santa Eufémia e desceu novamente até ao ponto de partida pela Rua da Seara, perfazendo assim um total de aproximadamente 4km.

O objetivo desta caminhada, aberta ao público em geral, foi sobretudo promover a atividade desportiva, dando a conhecer também vários pontos emblemáticos da nossa aldeia a quem nos visitou pela primeira vez.

Sempre com boa disposição e animação em todo o percurso, os participantes puderam desfrutar de um excelente passeio. Fotografias de grupo também não faltaram durante toda a caminhada.

A forte adesão dos participantes, num total de aproximadamente 70 pessoas, e o feedback transmitido no final da caminhada leva a que futuras edições sejam certamente realizadas.

Para terminar a noite, teve lugar um Porto de honra oferecido pela organização aos participantes, para brindar ao sucesso desta iniciativa.



Visita à Quinta da Malafaia



No passado dia 5 de setembro a Rede Social do Município de Alijó promoveu um Passeio à Quinta da Malafaia, situada em Esposende. Juntaram-se à Associação Santo Mamede a instituição de Sanfins do Douro, de Vila Chã, de Pegarinhos, de Favaios, de Alijó e do Pinhão. Acompanharam-nos também alguns elementos do Município de Alijó. Apesar de as expectativas serem muitas, até porque alguns já conheciam, ninguém estava preparado para o dia de animação que se avizinhava. No local estavam perto de 1600 pessoas oriundas de todo o país, e garantimos que apesar deste número gigante não faltou comida nem bebida a ninguém. De toda a ementa temos que destacar as sardinhas – “as melhores que já comi este

ano”, comentavam alguns, bem como o arroz de feijão, uma autêntica delícia. E para animar o espírito os nossos senhores iam ao pipo do vinho verde e as senhoras ao da sangria. Durante todo o almoço e a tarde que se seguiu não faltou atuação de Ranchos Folclórico, de um conjunto musical com as suas bailarinas, a arruada dos cabeçudos e gigantones, as marchas populares e, por fim, a celebre largada de balões e confetes. Para repor as energias de uma tarde bem passada não faltou o caldo verde e as pataniscas. Sabemos que a data não foi a mais adequada para a comunidade de S. Mamede Ribatua, mas estejam atentos porque novas oportunidades surgirão...!



Marchas Populares de Ribatua



Como já é tradição, saíram à rua, por mais uma vez, as Marchas Populares de S. Mamede de Ribatua, este ano com o tema “S. Mamede de Ribatua – Capital da cultura”. Esta importante manifestação cultural, que nasceu de forma espontânea e que vai já na III edição, já é uma marca da nossa freguesia, pois são já muitos os curiosos que vêm ver e aplaudir as nossas marchas.

À semelhança das edições anteriores, os marchantes desfilaram inicialmente pelas ruas da nossa aldeia, com os seus fatos e arcos, cheios de cor e alegria, e ao som de alguns músicos da banda filarmónica que animaram as marchas com as suas melodias populares. Já no Jardim das Laranjeiras, foram apresentadas as suas coreografias, perante um recinto sempre cheio e que aplaudiu efusivamente os marchantes.

Neste ano, a estreia das marchas foi no dia 10 de junho, para comemorar o Santo António. Depois das marchas, a festa continuou com baile, que esteve a cargo do organista Daniel Moutinho. A convite do Município de Alijó, as marchas apresentaram-se

na sede do município, no âmbito das “Quintas à noite”, que se realiza no anfiteatro das Piscinas Municipais, estando este recinto completamente lotado para assistir à apresentação das marchas. Novamente na aldeia feliz, para comemorar o S. João, as marchas saíram novamente à rua pela última vez no dia 24 de junho

Hernâni Vieira, o grande impulsionador das marchas desde o seu início, é o grande responsável por este projeto. Foi ele que fez os arranjos das músicas, preparou os arcos, pensou nas coreografias e ensaiou os cerca de 50 marchantes durante várias semanas de preparação que antecederam a sua apresentação ao público.

É importante também referir o árduo trabalho das costureiras da terra pelo magnífico trabalho na elaboração dos trajes, sendo este ano a cor escolhida o azul.

Esperamos que este projeto continue, pois é já um marco na identidade cultural da nossa freguesia e que, sirva também de mote para que mais gente visite a nossa “aldeia feliz”.



Concerto Orquestra Juvenil

Teve lugar, no dia 8 de julho, pelas 22 h, na esplanada do Bar da Banda, o concerto de Verão, realizado pela Orquestra Juvenil da Escola de Música da Banda Filarmónica de S. Mamede de Ribatua.

Este concerto, inserido nas atividades do final de ano letivo da escola de música, foi o culminar de um ano de muito trabalho. Relembramos que, já na Páscoa, esta orquestra juvenil presenteou os ribatuenses com um concerto no salão do teatro da nossa aldeia.

Esta orquestra é composta pelos jovens alunos que frequentam a Escola de Música, sendo que a maioria já pertence também à banda filarmónica, e também pelos respetivos professores, sob a regência do jovem maestro André Gomes Marinho, trompetista na banda, e que está entregue a este projeto desde o início deste ano letivo.

O tema deste concerto foi bandas sonoras de filmes e, enquanto o público ia ouvindo as várias melodias de vários filmes bem conhecidos de todos, tais como “Rei Leão”, “Pirata das Caraíbas, entre outros, era possível ver também algumas imagens dos respetivos filmes que foram projetados durante o concerto, contribuindo assim para um concerto ainda mais divertido e diferente do habitual.

O recinto foi pequeno para tanta gente, que aplaudiu entusiasticamente estes jovens músicos.



III Edição Diálogos Culturais

Realizou-se, pelo terceiro ano consecutivo, o evento “diálogos culturais”, entre os dias 18 a 20 de agosto.

Esta iniciativa, organizada pelo Grupo de Cantares de S. Mamede de Ribatua, tem como objetivo promover a cultura, nomeadamente a música, o teatro e a poesia.

O cartaz desta edição foi diversificado durante os três dias em que decorreu o evento, e os ribatuenses marcaram forte presença para assistir ao programa apresentado em cada noite.

O primeiro dia, que se realizou no Jardim das Laranjeiras, foi dedicado à música popular portuguesa, e contou com as atuações do Grupo de Cantares de S. Mamede de Ribatua e pelo Grupo de Cantares “Os Rabelos do Douro”, provenientes de Fontelas (Régua).



Já no segundo dia, que decorreu na Praça Carlos Agrelos, com o pelourinho de fundo, teve lugar a noite dedicada ao teatro, ao fado e à poesia. A noite começou com Teatro de Rua, a cargo de Mara Correia, uma jovem atriz vila-realense, que adaptou e interpretou a obra “Alegoria da Caverna” de Platão.

A segunda parte da noite foi-se intercalando entre o fado e a poesia, com vários poetas da nossa terra. O fadista José Lameiras, também filho desta terra, que atuou mais uma vez na nossa aldeia, acompanhado também pela fadista convidada Rosa Borges Jacinto, e pelos seus músicos Manuel Magno na guitarra portuguesa e Luciano Matos na viola de fado, interpretaram vários temas deste típico e tão característico estilo musical português - o fado, que foi elevado à categoria de Património Cultural e Imaterial da Humanidade, pela UNESCO.

Os ribatuenses Sofia Vieira, São Tomé, António Castro, Mário Nascimento e Luís Lameiras, acompanhados pelos convidados Mara Correia e Francisco Guedes Amorim, declamaram diversos poemas da sua autoria ou de outros poetas portugueses, como Fernando Pessoa.

Para encerrar esta edição dos “diálogos culturais”, no último dia teve lugar a noite dedicada à música rock, novamente no Jardim das Laranjeiras, onde os mais jovens e menos jovens puderam assistir ao concerto do grupo “Multidão Solitária”, que interpretaram diversos temas bem conhecidos do público presente.

Festa de Santo Mamede



Realizou-se, como é habitual, a Festa em honra de S. Mamede, orago da nossa freguesia, ao qual dá também o seu nome.

A aldeia acordou com uma salva de morteiros., que de manhã bem cedo despertou os ribatuenses.

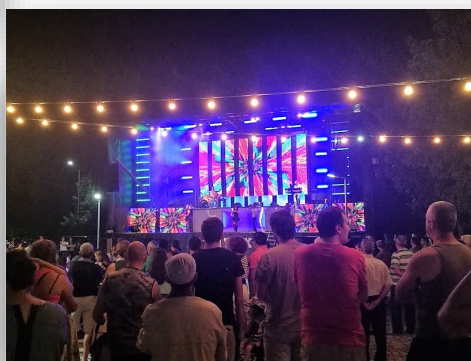
À tarde celebrou-se uma missa e a respetiva procissão em sua honra. Saíram à rua os andores da Nossa Senhora de Fátima e do Santo Mamede, acompanhada pela Banda Filarmónica de S. Mamede de Ribatua.

À noite, a festa continuou e começou com mais uma apresentação das marchas populares de Ribatua, que marcharam pela

última vez este ano. Esta apresentação foi dedicada principalmente à comunidade emigrante, que não pode assistir anteriormente, por se encontrarem fora do país.

Depois das marchas, a festa continuou animada com música de baile, que ficou a cargo do grupo "SOMTEX", provenientes de Macedo de Cavaleiros, que puseram o recinto todo a dançar até bem tarde!

À meia noite, podemos assistir também a uma pequena descarga de fogo de artifício, que iluminou a nossa aldeia.



História de São Mamede

S. Mamede de Cesareia, conhecido por São Mamede, é um santo cristão, venerado pela Igreja Católica e Ortodoxa.

S. Mamede nasceu no séc. III, na cidade de Cesareia, hoje chamada Kayseri, na Turquia, sob o domínio do Império Romano, no tempo do Imperador Aureliano.

As suas relíquias encontram-se na Catedral de Laugres, na França, que lhe é dedicada.



Romaria em honra de Santa Eufémia e Nossa Sr^a das Graças

As tradições populares e manifestações religiosas estão ainda fortemente enraizadas no concelho de Alijó. Por todas as freguesias do concelho as festas e romarias, em homenagem a santos e padroeiros locais, sucedem-se ao longo do ano, sobretudo nos meses de verão. Estas manifestações fazem parte das tradições e memórias das gentes que lutam para manter esta cultura secular que confere uma identidade muito própria a cada freguesia.

S. Mamede de Ribatua não é exceção e celebra também, todos os anos, a sua grandiosa romaria em honra de Santa Eufémia e Nossa Senhora das Graças, sempre no primeiro fim-de-semana de setembro.

Este ano, as festividades iniciaram-se no dia um e prolongaram-se até ao dia 5 de setembro, cujo programa foi diversificado e repleto de muita animação e convívio.

No primeiro dia de festividades, sexta-feira, realizou-se a procissão aos bairros, como início na Capela de Santa Eufémia, onde sai o andor de Santa Eufémia, uma das padroeiras da nossa aldeia. De seguida, a procissão passou pela Capela do Sr. Do Calvário, onde o andor de Nossa Sra. das Graças passa a integrar também a procissão, que depois sobe até ao bairro, segue até ao pontão e dirige-se depois para a Igreja Matriz pela rua da Seara, acompanhada sempre ao som da Banda Filarmónica de S. Mamede de Ribatua.

Terminado o programa religioso deste primeiro dia, segue-se o programa profano, com o habitual baile no Jardim das Laranjeiras, com o grupo "Donna Marta".

Depois de uma noite cheia de animação, em que muitos não dormiram, a manhã de sábado acordou com a tradicional salva de morteiros e com o Grupo de Bombos do Castedo, que percorreram as principais ruas da aldeia.

Durante a tarde, teve lugar, no Cima do Povo, uma mostra de folclore, com o Rancho Folclórico de Santa Eugénia e pelo Grupo de Cantares de S. Mamede de Ribatua. À noite a festa continuou com o grupo de música tradicional de Avelames e de seguida com o grupo de música de baile "Arco Íris". Por volta da meia noite e meia, teve lugar uma pequena descarga de fogo de artifício, continuando depois o baile novamente.

No terceiro dia de festa, domingo, o dia principal desta romaria, a manhã voltou a acordar com uma salva de morteiros. Às 9h da manhã deu entrada a Banda União Musical Paramense, proveniente de Paramos (Espinho), que foi saudada pela Banda Filarmónica de S. Mamede de Ribatua, que de seguida efetuou uma arruada pela nossa aldeia. Pelas 11h, celebrou-se na Igreja Matriz a missa em honra de Santa Eufémia, acompanhada pela banda de música União Musical Paramense.

Durante a tarde, a banda de música visitante realizou um pequeno concerto no Cima do Povo, até à entrada da Fanfarra de Famalicão que percorreu depois as ruas da nossa aldeia.

O ponto alto destas festividades foi a grandiosa procissão em honra de Santa Eufémia, que percorreu as ruas da aldeia, acompanhada pela fanfarra, os vários andores e "anjinhos", as bandas de música e pelas várias pessoas que seguiam no final da procissão.



FESTAS ST. EUFÉMIA N.S. DAS GRACAS 1 A 5 - 9

A noite iniciou com o tradicional e grandioso concerto das bandas de música, com a banda filarmónica de S. Mamede de Ribatua e a Banda União Musical Paramense, onde muita gente marcou presença e aplaudiu efusivamente estas duas bandas. Depois da despedida das bandas, que terminou com a execução de uma marcha em conjunto, teve lugar uma excelente descarga de fogo de artifício, da Capela de Santa Eufémia, tal como acontecia também noutros tempos atrás. Para terminar a noite, o baile começou por volta da 1:30h e prolongou-se até altas horas da madrugada, a cargo do grupo "Banda Larga".

Na segunda-feira, dia dedicado a Nossa Senhora das Graças, realizou-se a tradicional missa em sua honra, cantada pela Banda Filarmónica de S. Mamede de Ribatua, seguida pela majestosa procissão. À noite, o Grupo Dramático Ribatuense levou à cena a comédia "Menina Feia", escrita por Manuel Frederico Pressler, e foi brilhantemente representada pelos fantásticos artistas da nossa aldeia. O salão do teatro esteve praticamente lotado para assistir a esta representação.

Na terça-feira, último dia de festividades, não foi possível a realização do tradicional jogo de futebol entre solteiros e casados por falta de jogadores.

As festividades terminaram à noite, onde foi possível dar o último pé de dança deste ano, com o baile a cargo do organista "Daniel Moutinho".





Especial

Eleições Autárquicas

1 OUTUBRO | 2017

**Assembleia de Freguesia de
São Mamede de Ribatua**

Assembleia de Freguesia de S. Mamede de Ribatua

É já no próximo dia 1 de outubro que os Ribatuenses, tal como os restantes eleitores nacionais, vão ser chamados às urnas para elegerem os membros que vão integrar a assembleia de freguesia, bem como a câmara municipal e a assembleia municipal.

De acordo com a Constituição da República Portuguesa, respetivamente nos artigos 244.º e 250.º, os órgãos representativos da freguesia são a assembleia de freguesia (órgão deliberativo) e a junta de freguesia (órgão executivo) e os órgãos representativos do município são a assembleia municipal (órgão deliberativo) e a câmara municipal (órgão executivo).

No que respeita à freguesia de S. Mamede de Ribatua, são duas as listas concorrentes que ambicionam gerir os seus destinos nos próximos quatro anos.

Em virtude da importância que a eleição da assembleia de freguesia representa para o futuro dos ribatuenses, lançamos um desafio aos dois candidatos a presidente da junta de freguesia para responderem resumidamente a algumas questões importantes, relacionadas com diferentes áreas como o turismo, investimento, desertificação e novas ideias e projetos para a nossa freguesia.

Através dessas questões, enviadas em simultâneo e em "primeira mão" aos candidatos antes da apresentação dos seus programas eleitorais e sem o conhecimento prévio de quaisquer outras pessoas (intervenientes ou não no processo eleitoral), pretendemos, de forma imparcial e construtiva, contribuir para que os ribatuenses tenham a possibilidade de analisar as propostas que os nossos candidatos se propõem concretizar nas mais diversas áreas de atuação.

Mensagem dos candidatos aos Ribatuenses



Ana Sofia Vieira Ribeiro

Aos meus conterrâneos apenas reafirmo a minha presença igual à de cada um deles. Sou a Sofia, a mesma Sofia que era, que sempre fui. Não há ninguém nesta freguesia que não deseje o mesmo que eu: o melhor para S. Mamede e Safres! Tenho plena e total consciência das dificuldades que enfrentamos, mas tenho, a par disso, a perfeita e completa noção do muito que se pode fazer para levantar o véu negro com que nos cobriram nos últimos anos. Ninguém pode ficar indiferente à nossa riqueza, a todos os níveis: humano, cultural, geográfico, agrícola. Todos os projetos que vos apresentei foram, não duvidem, muito pensados, estudados, planeados. Não somos cegos, nem queremos fingir que tudo está bem e que o caminho será fácil e sem percalços. Sei perfeitamente que enfrentarei barreiras, desafios, obstáculos, mas parti para esta caminhada com a certeza absoluta da minha capacidade de insistir, trabalhar, desbravar caminhos.

Agora é tempo de mudança, tempo de valorizar tudo o que de bom foi feito e tempo de aprender com os erros passados e recentes. Este não é o momento de separações, desavenças, quebras de relações. S. Mamede e Safres querem e precisam de andar em frente, crescer, sair do seu canto envergonhado e preparar-se para se mostrar ao mundo. Precisam de ser felizes, mas não apenas em épocas de festa. Precisam de ser felizes, a começar por todos os que cá vivem e querem uma oportunidade de emprego, uma oportunidade de cá permanecer e ter meios de sustento para si e para as suas famílias. Felizes de todos nós que vivemos rodeados desta beleza que pode, deve e será, sem dúvida, um destino a visitar, um local para investir e a melhor freguesia do concelho para viver.

Connosco o futuro constrói-se mais risonho, mais claro, mais nosso!



Filipe Pires Pinto

Quero deixar uma mensagem de confiança em mim, mas também na equipa que me acompanha. Podem esperar de nós empenho, dedicação e muito trabalho para a concretização de um projeto que sabemos sensato, equilibrado e consciente.

Quero aproximar a Junta das pessoas, auscultar no terreno as pessoas, as suas dificuldades e maiores anseios. Quero que vejam na Junta um meio de resolução de problemas, um instrumento ao alcance de todos e para todos.

A minha promessa é de trabalho e dedicação às pessoas.

Apresentação de cada Lista concorrente à Assembleia de Freguesia



Ana Sofia Vieira Ribeiro

Sou licenciada em Português e Inglês, pela UTAD e, atualmente, professora efetiva no Colégio Moderno de S. José, em Vila Real. Como é do conhecimento de todos, sempre procurei fazer parte ativa da cultura da nossa aldeia. Desde criança que desenvolvi um gosto e afeto especial pela arte dramática, o que me levou a fazer parte do Grupo Dramático Ribatuense e, há algum tempo, de modo a ocupar os tempos livres das nossas crianças, utilizei as férias de verão, para ensaiar algumas peças infantis.

Integrei o Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo e, neste âmbito, pertenci à organização da 1ª e 2ª Feiras da Laranja que se vem repetindo, com sucesso, anualmente. De há alguns anos a esta parte que, abraçando uma antiga ligação com a poesia, colaboro, também, com o Grupo de Cantares na noite dedicada à poesia, integrada na Semana Cultural.

Por outro lado, e de indiscutível importância, somos possuidores de uma riqueza natural, patrimonial e humana sem paralelo, que deverá elevar S. Mamede Ribatua na rota do turismo de Portugal e do mundo. Conosco, o futuro constrói-se!



**Ana Sofia Vieira Ribeiro
Diamantino Ferreira
André Sousa**

Ana Isabel Carvalho

Alexandre Ribeiro
António Vaz Pinto
Marília Araújo
Nelson Silva
Fernando Monteiro
Filipa Carvalho
Jorge Cardoso

Ilídio Pinto
Susana Borges
Marcílio Nunes
Alexandra Teixeira
Luís Lameiras
João Cruz



Filipe Pires Pinto

Eu, Filipe Pires Pinto, Oficial de Justiça e Agricultor, apresento-me enquanto candidato à Assembleia de Freguesia de São Mamede de Ribatua.

Por motivos relacionados com a minha formação e questões laborais, cedo tive que deixar a nossa aldeia. No entanto, mantive sempre a vontade de participar ativamente na vida da freguesia. Assim, participei ao longo dos anos no Grupo Desportivo e Cultural Ribatuense, no Grupo de Teatro, na Associação Santo Mamede, na Comissão de Festas e nas Marchas Populares, entre outras colaborações nas diferentes coletividades.

Neste momento tenho a minha residência fixa em São Mamede de Ribatua, o que me motivou a aceitar o convite para Presidente da nossa Freguesia pelo Partido Social Democrata. Abraço este desafio com ambição de otimizar os nossos recursos naturais e humanos, estando sempre próximo dos Ribatuenses.



**Filipe Pires Pinto
Joana Leite
Daniel Cartageno**

António Pinto Leite

António Silva
António Teixeira
Sérgio Carvalho
Manuel Lima
Ana Marinho
Paulo Pinto
Agostinho Carvalho

Ricardo Frade
Ana Filipa Marinho
Ana Taveira
Carlos Vieira
Arlindo Meireles
Óscar Gouveia

Questionário aos candidatos à Assembleia da nossa freguesia



1. Como surgiu o convite para encabeçar a lista que representa e que razões o/a levaram a aceitar este desafio?

Depois de declinar o convite para fazer parte de listas de partidos diferentes, em eleições anteriores, desta vez, muitos me perguntam “O que mudou? Porquê agora?” S. Mamede tem vindo a fazer o seu caminho, assim como eu tenho vindo a fazer o meu, mas a verdade é que o meu caminho, o meu percurso nunca esteve dissociado do da minha aldeia. Mas na tomada de decisão, deparei-me com algo que me fez refletir e dar um passo em frente. Ela não cresceu, porém eu cresci! Ela estagnou e eu evolui! Ela parou e eu não posso, nem quero seguir em frente sem ela! S. Mamede é a minha aldeia, a que me viu nascer, crescer, casar, tornar-me mãe. Desejo que seja um lugar onde todos nós e as gerações que estão por vir possamos querer ficar, fixar raízes, prosperar e ser felizes. Os erros do passado, fossem de quem fossem, aprendi a perdoá-los e seguir em frente rumo a um futuro que se construirá melhor, mais próximo, mais nosso!

Fui abordado por mais do que uma cor política para liderar este desafio, o que me leva a crer que vários são os quadrantes que reconhecem em mim o perfil adequado para o cargo. No entanto, foi na equipa da lista Afirmar a Nossa Terra, que resulta de uma coligação entre o Partido Social Democrata e do CDS – Partido Popular que reconheci competência, honestidade e capacidade de trabalho. Assim, apresento-me enquanto candidato à Assembleia de Freguesia de S. Mamede Ribatua com toda a disponibilidade e profunda entrega.

2. Considera que os elementos que compõem a sua lista lhe dão garantias desejáveis no cumprimento do vosso programa eleitoral, caso sejam eleitos? Que pontos fortes destacaria?

Os elementos que compõem a nossa lista são pessoas motivadas por projetos viáveis e concretizáveis. São pessoas com capacidade para gerir o destino da nossa freguesia, fazendo a diferença no seu desenvolvimento. É uma equipa que, acima de tudo, representa a vivacidade da juventude, a experiência dos mais velhos e a motivação e a inconformidade perante a situação atual. Desde o primeiro dia mostraram apoio, união, incentivo, empenho e total dedicação. Queremos ser uma equipa coesa não só agora, mas especialmente após as eleições, caso sejamos escolhidos para tomar a frente da nossa freguesia, formando grupos de trabalho ativo em diferentes frentes de trabalho. Este é o nosso projeto futuro, porque uma Junta não é apenas o seu presidente, ela é e deve ser toda uma equipa que se alarga e abre em torno daquilo que a freguesia necessita.

Estando consciente da exigência do desafio, procurei constituir uma equipa multifacetada e dinâmica. Encontro na minha lista o pulsar da juventude, bem como a experiência, a responsabilidade e o comprometimento necessários para alcançar um projeto que procuramos sensato, equilibrado e consciente.

3. É do conhecimento público que a nossa Junta de Freguesia, à semelhança do Município de Alijó e restantes Juntas de Freguesia, se deparou, no início do mandato que agora termina, com uma grave situação financeira. Tem conhecimento da atual situação financeira da Junta de Freguesia de S. Mamede de Ribatua? Caso a situação ainda se mantenha, que medidas irá tomar para tentar resolver este problema?

É do conhecimento de todos que a Junta da nossa freguesia e outras do concelho enfrentaram, nos últimos 4 anos uma situação financeira preocupante, como é também do conhecimento geral que esta situação se deve ao facto de o executivo camarário atual não ter honrado o compromisso de continuar a assumir as dívidas das freguesias, como no início do mandato se comprometeu a fazer com o antigo executivo camarário do PS, votando o concelho ao abandono e à sua sorte. No passado, para fazer “obra” foi necessário um investimento superior ao que se podia, localmente, suportar, mas na condição de ir sendo amortizado num determinado espaço de tempo. Se a Câmara tivesse feito o acordado, neste momento a “nossa” dívida seria menor e a relação com os bancos mais credível. No futuro, a ser o executivo da Câmara composto pelo PS, temos total garantia e condições de retomar os acordos feitos aquando da contração desta dívida. Seja quem for eleito, há que exigir, sem hipótese de adiamento, a elaboração de um plano de pagamento deste capital. Por outro lado, é fundamental aderir a projetos do “Turismo de Portugal, nomeadamente ao Programa Valorizar que promove a regeneração, requalificação e reabilitação dos espaços públicos com interesse para o turismo e a valorização do património cultural e natural do interior do país. Não podemos depender exclusivamente de verbas camarárias, mas procurar outros caminhos eficazes para o desenvolvimento da nossa freguesia.

Sim, tenho conhecimento da atual situação económico-financeira da Junta de Freguesia de S. Mamede Ribatua, que considero bastante preocupante. No entanto, tenho a firme convicção de que é uma situação possível de resolver de modo, nomeadamente através do estabelecimento de um acordo judicial com as entidades envolvidas na problemática, para que possamos recuperar a autonomia financeira e poder concretizar projetos futuros.



4. O envelhecimento da população, a baixa taxa de natalidade, a falta de emprego para os mais jovens, o fraco investimento para novos negócios e o encerramento de escolas por falta de alunos estão a contribuir para uma acentuada desertificação, que afeta a maioria das aldeias do interior do país, e nossa aldeia não foge a este problema. Que medidas propõe para atenuar ou até inverter este ciclo na nossa freguesia?

A grande maioria dos projetos que constam no nosso programa eleitoral pretendem, de algum modo, contrariar este ciclo que não é indiferente a ninguém, sendo mesmo uma das preocupações mais sérias com que todos nos debatemos. Mais concretamente, os projetos ao nível turístico, desde a requalificação ribeirinha até à foz, passando pela qualificação de trilhos, miradouros, praia fluvial, parque de campismo, parque de merendas, entre outros lá enunciados, visam a criação de um turismo sustentável que possa atrair turistas, investidores privados das áreas da hotelaria e da restauração e, consequentemente ir gerando postos de trabalho. Por outro lado, existem medidas em termos sociais que pretendem ajudar os jovens casais com um subsídio de natalidade e as crianças e jovens com atividades de leitura e oficinas de trabalho onde poderão ter apoio direcionado para algumas disciplinas escolares. Aliada a esta matéria, diligenciaremos com a Câmara formas de obter transportes escolares grátis. No que concerne às medidas culturais e recreativas, estas procuram, também, promover um ambiente mais atrativo, não só para os que virão visitar-nos, mas especialmente para a população, nomeadamente os jovens com ideais e ambições, as crianças, os mais velhos e todos quantos sonham poder fazer e continuar a fazer as suas vidas nesta freguesia.

O envelhecimento populacional é uma problemática que tem merecido muita atenção não só a nível nacional, como internacional, uma vez que encerra em si muitas questões sociais. Relativamente a isto posso afirmar que estou ciente de que a freguesia de S. Mamede Ribatua apresenta um grande índice de envelhecimento, nomeadamente pela ausência preocupante de crianças e jovens. Assim, numa primeira fase quero prestar um apoio otimizado, em colaboração com a Associação Santo Mamede. Pretendo sempre que vivam com a maior dignidade e qualidade possível, será sempre este o meu objetivo maior. Depois, estando atento à questão da natalidade, apresento no meu manifesto uma medida de incentivo ao nascimento de novos bebés na freguesia. No que concerne à questão do desemprego, desenvolverei um espaço na Junta relativo à procura de emprego, com o apoio a todos aqueles que a nos recorrerem, seja a nível de parcerias com o IEFP, I.P., seja a nível de contactos com entidades privadas. Sei bem que esta é, talvez, uma das maiores questões relativas à nossa aldeia e ao interior do país, a necessidade de fixar famílias. Gostava que S. Mamede Ribatua pudesse voltar a ser a aldeia que em tempos conheci, com movimento e com esperança no futuro.

5. Que iniciativas pretende desenvolver para dinamizar a economia da nossa freguesia, designadamente na área do turismo, agora com a albufeira da Barragem de Foz Tua e com a criação do Parque Natural e Regional do Vale do Tua?

O Governo criou vários programas para desenvolver o turismo em Portugal, com orientações específicas para as regiões do interior. A nossa freguesia tem todas as condições, nomeadamente agora com a albufeira da Barragem, para entrar nesta dinâmica de desenvolvimento turístico relacionado com a natureza e a cultura. Outro caminho a seguir, urgentemente, visto que o executivo camarário atual não o fez, é retomar as relações com a Agência de Desenvolvimento do Vale do Tua, da qual o nosso concelho faz parte, e participar nos projetos e planos financeiros promovidos. Esta é uma agência de desenvolvimento dos municípios que integram o Vale do Tua e é na linha da frente desse desenvolvimento que queremos estar. Até aqui, o executivo da Câmara agiu como se não tivesse responsabilidades neste sentido, mas chegou a hora de se assumir e afirmar, de facto, o nosso concelho e a nossa freguesia. Muitos dos projetos propostos no nosso programa visam atrair investidores internos e externos e impulsionar a criação de uma sociedade turística e agrícola, gerando oportunidades de emprego e dinamizando a economia.

Estou profundamente convicto de todo o potencial que resultou da construção da Barragem Foz-Tua. Estou atento e expectante pela aprovação do Plano de Ordenamento da Albufeira para que, a partir dele, com todos os intervenientes significativos, possamos explorar o seu vasto potencial turístico, agrícola e recreativo. Alias, procurei marcar uma reunião com a Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Tua, bem como com o Parque Natural e Regional, no sentido de perceber o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido. Até esta data não foi agendada, por parte destes dois organismos, qualquer reunião.

6. A agricultura é a atividade mais importante na nossa freguesia, sendo a fonte de rendimento de grande parte dos ribatuenses. Que medidas pretende implementar para apoiar a atividade agrícola em S. Mamede de Ribatua?

A conservação e limpeza dos caminhos rurais é, neste momento, uma prioridade, o que deve ser realizado ao longo do ano, utilizando os recursos materiais e humanos disponibilizados pela Câmara que tem, e sempre teve, ao seu dispor funcionários e máquinas para esse efeito. Neste campo, os recursos existem, devem ser exigidos com a insistência necessária até obtermos o apoio de que precisamos. Nesta linha, faremos reuniões periódicas com os agricultores e iremos aos locais, de modo a ir percebendo as suas necessidades. Serão, também, promovidas sessões de esclarecimento e apoio logístico por parte da Junta de Freguesia e Câmara Municipal sobre os programas e incentivos comunitários a agricultores. A meu ver, todos beneficiariam da organização de uma sociedade agrícola com vista ao turismo e é por isso que esclareceremos e apoiaremos o seu arranque, com todos os que manifestarem interesse.

Consciente da importância da agricultura em S. Mamede Ribatua, é nos caminhos agrícolas que surgem as maiores necessidades. Para o efeito, pretendo fazer um levantamento e mapeamento de todos os caminhos agrícolas. Este instrumento vai permitir que, em tempo útil, as grandes dificuldades sejam resolvidas. Outra questão que quero sublinhar é o desenvolvimento de uma estratégia de reaproveitamento da água do ribeiro e do excedente da água da rede pública para o regadio - zona da Fraga, Beijocal, Ameda, entre outras.



7. Tendo em consideração o forte “legado cultural” que nos tem sido transmitido ao longo dos tempos, caso seja eleito Presidente de Junta, que relevância e de que modo a cultura fará parte do seu mandato?

Reconheço a necessidade de criar sessões que envolvam as crianças, os jovens e os mais velhos, trocando entusiasmantes histórias passadas, recordando a vida de outros tempos, as festas, os divertimentos, a vida no campo, na escola e em família. Julgo ser um ponto de partida fundamental para criar nos mais novos o gosto pelo passado e a vontade de preservar o nosso legado cultural. Depois, teremos um ambiente propício à implementação de diversas atividades em conjunto com as associações e envolvendo pessoas de todas as idades: exposições, sessões de leitura / tertúlias; ocupação de tempos livres; oficinas de escrita criativa, culinária, bordados; palestras/formações/sessões de esclarecimento com temas de interesse e muitas, muitas outras atividades. Neste sentido, S. Mamede e Safres necessitam de espaços que convoquem e acolham as pessoas. A nossa proposta tem como base a reabilitação das Antigas Escolas Primárias, funcionando como Centro cultural e recreativo. Todo este trabalho culminaria numa Semana cultural, envolvendo as associações de S. Mamede, do concelho e de outras regiões, organizando mostras e festivais culturais mais apelativos.

S. Mamede Ribatua é conhecida como a Capital da Cultura do Concelho de Alijó. São inúmeras as manifestações culturais que ao longo dos tempos tiveram lugar em S. Mamede, como a Serra Velha, as Desfolhadas, as Lagaradas, a Matança do Porco, entre outras. Gostava realmente de ver recriadas estas tradições que estão adormecidas e que tanto dizem da nossa história. Depois, de uma forma já organizada reconheço um valor infinito à Banda Filarmónica, ao Grupo de Cantares e ao Grupo de Teatro que se esforçam, apesar de inúmeras dificuldades, por se manterem firmes na afirmação dos valores culturais e artísticos dos ribatuenses. Um dos meus objetivos mais vinculados é que todas as coletividades da aldeia possam cooperar para um bem comum, que se trata da dinamização cultural que a aldeia merece, mais articulada e colaborativa. Depois, pretendo que a Feira da Laranja – evento maior de S. Mamede Ribatua – se afirme enquanto mostra diversificada de cultura.

8. Qual é a sua opinião em relação às associações existentes na nossa freguesia e de que forma é que a Junta de Freguesia poderá ajudá-las?

O envelhecimento da população, a baixa taxa de natalidade, a falta de emprego, entre outros fatores, estão a contribuir para a desertificação que afeta a maioria das aldeias, sendo que a nossa não foge ao problema. Neste sentido, devemos ter consciência da extrema importância das nossas associações e não podemos esquecer o seu trabalho cultural e social. No caso da Associação Santo Mamede, temos uma entidade geradora de emprego, fundamental para muitas famílias. Por outro lado, a Banda Filarmónica, com as suas raízes históricas, o seu vasto calendário de atividades e a sua escola de música, é uma das associações do concelho que mais promove o nome da nossa aldeia e neste país e até em outros. O Grupo de Cantares e o Grupo Dramático são associações especificamente culturais, com reconhecido mérito, compostas por pessoas da terra, que dinamizam atividades na medida das suas possibilidades. A estas é necessário atribuir melhores condições em termos de infraestruturas, para que possam realizar ensaios e apresentações regulares em ambiente confortável e acolhedor na época de frio. Esta pode parecer uma situação secundária, mas para mim, que tão bem conheço a realidade do grupo de teatro, revela-se um fator fundamental e daí a importância de criar, no antigo quartel dos bombeiros, um espaço polivalente que possa acolhê-las. Por fim, considero fundamental criar um plano de atividades conjuntas, de modo a que se possam obter outros apoios financeiros e dinamizar atividades que gerem receita.

As diferentes associações de S. Mamede Ribatua desempenham um papel que, na minha perspetiva, é primordial na dinâmica da aldeia. São responsáveis pela grande maioria dos eventos que aqui ocorrem, com muito mérito e desempenho de qualidade. Gostaria apenas, no futuro próximo, que pudessem estreitar colaborações no sentido de potenciar o dinamismo cultural da aldeia.

9. De que modo a Junta de Freguesia poderá desempenhar um papel importante no auxílio dos habitantes mais idosos e carenciados?

Hoje são eles, amanhã seremos nós os avós desta terra. Envelhecer é uma dádiva divina que nem todos têm oportunidade de experienciar. O envelhecimento deve ser uma caminhada da vida feita com o máximo apoio, respeito, conforto e dignidade. Porém, sabemos que nem sempre assim é. A Associação Santo Mamede, neste campo, tem tido um papel fundamental e sensacional, oferecendo tudo o que está ao seu alcance aos seus utentes e aos sócios em geral. Dando continuidade a este enorme e essencial trabalho, a nossa proposta vai no sentido de criar, em colaboração com esta associação, um grupo de voluntários que se disponibilizem a visitar os idosos que assim se mostrem interessados, levando-lhes, de vez em quando, uma palavra amiga, alguém que os escuta, que ouve as suas histórias, alguém que se torna família. Por outro lado, queremos ajudar no esclarecimento de situações de Reforma e Subsídios, informando acerca dos direitos e dos apoios de que podem usufruir; ajudar no pedido de medicamentos na unidade de Saúde e na sua compra, entre outras coisas que possam promover o seu envolvimento ativo na cultura da nossa aldeia.

A Junta de Freguesia tem um papel social preponderante, nomeadamente na sinalização de situações de vulnerabilidade social. Consciente, no entanto, das limitações a que está sujeita, afirmo que vou apostar no trabalho em parceria para enfrentar este desafio. Assim, numa primeira fase, conto com a Associação Santo Mamede para o acompanhamento de determinadas questões sociais, mas também com a Segurança Social, com o Departamento da Ação Social Municipal e com tantos outros organismos diferenciadores neste tipo de apoio. Lutarei sempre para que a minha Junta seja um porto de abrigo para todos aqueles que necessitem de algum tipo de apoio, estando firme de que ajudarei sempre no que me for possível.



10. Atualmente são muitas as freguesias que investem muito na realização de eventos de modo a promover e divulgar as suas terras e regiões, atraindo assim um maior número de turistas e naturais não residentes. Considera que já existem eventos suficientes na freguesia ou ainda existe espaço para mais e melhor?

Existem, atualmente, alguns eventos que procuram não só promover atividades para os residentes, mas que têm como objetivo trazer pessoas de todos os lugares, levando o nome da nossa freguesia um pouco mais longe. A meu ver, é necessário rever os moldes em que são realizados tais eventos para que possamos estar em pé de igualdade competitiva com outros de renome nacional e criar outros que possam divulgar os nossos produtos e a nossa paisagem. Para tal, há dois fatores importantíssimos a ter em consideração: a organização e a publicidade atempada e levada mais longe. Depois de muito estudar e procurar meios de promoção da nossa freguesia, informei-me acerca de alguns incentivos governamentais e comunitários a este género de eventos, nomeadamente no que se refere à promoção das zonas do interior, como é o nosso caso. Tudo pode parecer um sonho longínquo e bonito, mas a realidade é que é possível e existem programas criados especificamente para isto. Não devemos nunca esquecer que temos um potencial extraordinário e que outros lugares com menos conseguiram muito mais, daí o meu inconformismo com esta estagnação, este desaproveitamento, esta dormência a que nos votaram. Merecemos mais e melhor!

Reconheço que ainda há margem para mais eventos, mas a minha prioridade é fazer da Feira da Laranja um evento forte e multifacetado. Gostava, como já disse anteriormente, de ver aumentada a sua oferta cultural, mas também gostava que fosse um espaço de partilha de conhecimento, com dinamização de workshops em que a laranja fosse a atração. Pretendo também reativar as tradições que estão, como por exemplo a Serra Velha, as Desfolhadas, as Lagaradas, a Matança do Porco, entre outras. Gostava também, nos períodos de Natal, Carnaval, Páscoa e Verão realizar eventos para dinamizar a freguesia, e conto para isso com a colaboração de todas as associações da freguesia. Pretendo também envolver toda a população na dinamização dos arranjos florais das ruas na comemoração do Corpo de Deus.

11. Tem conhecimento das principais necessidades dos habitantes de Safres? De que modo a Junta de Freguesia poderá contribuir para uma melhor qualidade de vida dos seus habitantes?

Safres é um dos membros de um corpo que deverá funcionar como um todo. As pessoas que lá habitam são as mais merecedoras daquele paraíso, mas que o veem, pouco a pouco, ser votado ao abandono, vendo os seus jovens partir e sentindo, no dia-a-dia, a incerteza do futuro e a tristeza de se sentirem sós. Não existe em nenhum outro lugar pessoas como as de Safres! Desde criança que me lembro de haver sempre um convite para entrar, beber um copo, merendar... Não há pessoas mais generosas, mais dadas, mais propícias à alegria e à boa disposição. Eu sei-o bem, pois cresci com a mãe mais feliz e generosa do mundo, criada nessa terra maravilhosa! Apesar disso, a sua natureza acolhedora contrariava-se com a falta de momentos de convívio, com a falta de visitas, com a falta de atenção às suas ruas, caminhos, esgotos e iluminação. Esta é uma realidade a que não estaremos desatentos e pensamos mesmo ser um dos principais focos de atenção inicial. É urgentíssimo dar voz a Safres e fazer renascer esse cantinho paradisíaco com um espaço renovado na antiga escola primária, onde serão reunidas as pessoas e escutadas nas suas ambições e preocupações e realizadas atividades culturais e sociais em comunhão com as associações da nossa freguesia.

Sim, estou perfeitamente esclarecido quanto às dificuldades dos habitantes de Safres. Assim, defendo que a abertura do caminho rural no percurso Junqueira, Carrasqueiro e Ribeiro de Bouça; a manutenção dos caminhos agrícolas e dos estradões florestais; a reabilitação da Escola Primária para criar uma extensão da Junta de Freguesia, com atendimento ao público periodicamente; o arranjo da Fonte do Gricho e do seu espaço envolvente; a pavimentação e requalificação de arruamentos, (Beco de Sto. António, Travessa do Eiró, Rua 1º de Maio, Rua da Barreira e Rua do Muro); bem como a colocação de um gradeamento de segurança na Rua do Barro e Rua de Sto. António. Aproximar a Junta de Freguesia dos habitantes de Safres é, para mim, uma das grandes prioridades.

12. Considera que existam problemas relacionados com o trânsito automóvel e estacionamento em algumas ruas de S. Mamede de Ribatua? Que medidas poderão melhorar a atual situação?

Felizmente, o problema do trânsito e do estacionamento automóvel não se estende a todas as ruas de S. Mamede, no entanto, sabemos que há locais onde ainda se verificam alguns problemas. Pensamos que as medidas para resolver esta situação deverão passar pela construção de uma alternativa ao estacionamento, sendo que, a partir daí, o civismo, o bom senso e o cumprimento da lei possa imperar nas nossas ruas.

Reconheço algumas problemáticas quanto ao estacionamento automóvel nas ruas de S. Mamede de Ribatua. Pretendo, através de campanhas de sensibilização, apelar ao bom senso e à gestão dos espaços que existem na freguesia, bem como pretendo estudar a possibilidade de criar novos locais de estacionamento.





13. A concretização dos projetos que propõe realizar na nossa freguesia, caso seja eleito/a Presidente de Junta, estão muito dependentes da colaboração e financiamento da Câmara Municipal de Alijó ou, de que outra forma tentará obter financiamento para realizá-los?

Como já tive a oportunidade de referir atrás, não podemos e não queremos depender única e simplesmente da colaboração e financiamento da Câmara Municipal. Estudámos os caminhos a seguir e sabemos quais os passos a dar com segurança rumo a um futuro mais promissor. É importante que as pessoas se informem e consultem o site do Turismo de Portugal para que possam entender melhor as nossas propostas. Devemos aderir a projetos do Turismo de Portugal, nomeadamente aos que promovem a regeneração, requalificação e reabilitação dos espaços públicos com interesse para o turismo e a valorização do património cultural e natural do interior do país. Exigir o retomar das relações com a Agência de Desenvolvimento do Vale do Tua, no qual o nosso concelho também se integra, é um dos passos urgentes a dar e participar nos projetos e planos financeiros a desenvolver. Neste âmbito, poderemos, também, propor à ADVT a renegociação de contrapartidas com a EDP, procurando aproveitar recursos disponibilizados por esta empresa. Por outro lado, revela-se fundamental, aconselhar a adesão às propostas do CIM Douro, na figura do executivo camarário, para que possamos usufruir de um ambiente de crescimento a vários níveis e atrair investidores.

Conto, como é evidente, com o apoio da Câmara Municipal de Alijó. No entanto, vou apostar numa estratégia de autonomia financeira, nomeadamente através da resolução da dívida, o que me vai permitir apresentar candidaturas a projetos e a fundos europeus.

14. Considera que os habitantes da “aldeia feliz” são mesmo felizes?

As pessoas que visitam a nossa aldeia saem de cá maravilhadas com a receção das pessoas. Este é um dos principais traços que nos caracteriza. Somos uma aldeia que recebe bem, transmite simpatia, generosidade, alegria. Por todo o lado há um convite para entrar, merendar, beber um copo! Multiplicam-se os pequenos e grandes convívios entre família e amigos. Somos, inegavelmente, dotados de um espírito feliz, propício à felicidade. Mas, a felicidade é como uma vinha, um pomar, uma horta. Tem de ser, todos os dias, cuidada, regada, renovada. Há que trabalhar para que esse extraordinário título que alguém nos atribuiu possa ser efetivo, todos os dias do ano, com a consciência de que a felicidade só se alcança coletivamente, como aldeia, se a Junta de Freguesia, em comunhão com as Associações e outras entidades adotar um papel dinâmico, criativo, insistente, perseverante e numa perspetiva de união e colaboração, procurando novas formas de apoios, investimentos e movimentando a população num objetivo comum. A felicidade não se resume apenas às festas, que são muito importantes, mas especialmente à qualidade do dia-a-dia.

Os ribatuenses são gente de trabalho árduo e honesto, alegres e bondosos com o próximo. Rua a rua podemos escutar histórias de entreajuda e ver sorrisos de companheirismo. Quem vive e visita a freguesia de S. Mamede Ribatua tem a oportunidade de se maravilhar com a mais bela paisagem do mundo, mas também comer e beber do melhor que a natureza tem para nos oferecer. O conceito de felicidade é tão plural quantas as opiniões que nos propusermos escutar, mas estou convencido de que todos os dias procuramos o melhor pelo nosso bem-estar.



Grande Incêndio de Alijó



Deflagrou durante três dias consecutivos, um incêndio de grandes proporções no concelho de Alijó que consumiu uma enorme área florestal. Este incêndio, que teve início na madrugada de domingo, pelas 2h no dia 16 de julho, junto à Barragem de Vila Chã, afetou a zona norte do concelho, sobretudo as localidades de Agrelhos, Chã, Vila Chã, Santa Eugénia, Pegarinhos, Franzilhal e Carlão

O combate às chamas

Estiveram no local, no combate às chamas, centenas de bombeiros de várias corporações não só desta região mas também um pouco de todo o país. Como grande parte do incêndio deflagrou em zonas de difícil acesso, e próximo de várias aldeias, ajudaram também no combate às chamas vários meios aéreos que, juntamente com os bombeiros no terreno foram tentando impedir o avanço das chamas e sobretudo proteger os bens e as pessoas nas várias localidades que iam sendo afetadas com o avanço e progressão do fogo.

Algumas equipas do exército também estiveram no local no combate às chamas e, com a ajuda de várias máquinas de rastros foram criando zonas para impedir o avanço do fogo.

Outros incidentes

No decorrer deste incêndio ocorreram outros incidentes, nomeadamente a queda de um helicóptero e um carro de combate aos incêndios ficou parcialmente queimado.

Um helicóptero que estava envolvido no combate a este incêndio caiu, por volta das 15:43h do dia 16 de julho, não tendo causado vítimas. Este acidente aconteceu durante uma operação de reabastecimento do aparelho, na Barragem de Vila Chã. O piloto era o único ocupante do aparelho e sofreu apenas ferimentos ligeiros numa perna.

Também um veículo dos Bombeiros Voluntários de Alijó ficou parcialmente queimado, quando estava a operar na zona do Franzilhal. Na sequência deste incidente, um bombeiro ficou ferido, tendo sido transportado para o hospital de Vila Real com queimaduras ligeiras num braço.



Medidas preventivas

Por precaução, várias estradas de acesso às localidades afetadas foram cortadas. Houve também a necessidade de retirar cerca de 35 pessoas das suas casas, devido à proximidade das chamas das suas habitações. Estas pessoas foram sobretudo crianças, doentes e idosos que foram acomodados no pavilhão gimnodesportivo de Alijó. De referir também dois acamados, que foram transportados e acolhidos na Santa Casa da Misericórdia de Alijó.



Falhas no SIRESP

Durante o combate a este incêndio ocorreram diversas “falhas pontuais” na rede de emergência SIRESP, que foram confirmadas pela Proteção Civil. Para colmatar estas falhas foi necessário mobilizar para o local uma estação móvel que se encontrava preventivamente posicionada no Porto para garantir o reforço da capacidade das comunicações.



O SIRESP é um sistema de telecomunicações exclusivo para situações de emergência e é partilhado pelas várias forças de segurança, emergência médica e da proteção civil que a utilizam para comunicarem entre si. Deste modo, este sistema deve assegurar e satisfazer as necessidades de intercomunicação e inoperabilidade entre as diversas forças e serviços e, em caso de emergência. Permitir a centralização do comando e da coordenação.

No entanto, tem-se verificado que, nos casos críticos de emergência, quando este sistema deveria funcionar em perfeitas condições, tal não se tem verificado, ocorrendo falhas sucessivamente.

Então porque é que estas falhas se têm verificado? A resposta pode ser encontrada na constituição desta rede que é composta por 550 estações retransmissoras. Estas estações permitem a comuni-

cação com os terminais de rádio de polícias, GNR e bombeiros, sem cabos e por via hertziana, garantindo a mobilidade dos operacionais no terreno.

Por outro lado, a comunicação com todas as outras estações retransmissoras e, consequentemente, com outros operacionais ou postos de comando que podem encontrar-se a vários quilómetros de distância, é feita por cabos. E é nestes cabos que se encontra a razão para a rede do SIRESP ficar consecutivamente inoperante, durante a época de incêndios.

Atualmente, a rede de cabos do SIRESP chega a todos os retransmissores dispersos pelo país através dos postes, condutas e demais infraestruturas da MEO (que faz parte do consórcio SIRESP), o que significa que estão sujeitos aos elementos - e às catástrofes - tal como a rede da operadora de telecomunicações também está.

Resultado: não foram apenas os cabos da MEO - e da Vodafone e NOS - que ardem durante os incêndios. Também os cabos da rede SIRESP estão também sujeitos à fúria das chamas.

O retransmissor não perde a totalidade das funções, quando desligado da rede devido ao derretimento de cabos. Cada uma destas estações está preparada para comunicar por rádio com os terminais usados pelos operacionais, num raio de alcance de cerca de 30 quilómetros (que depende do relevo). No caso dos cabos de energia também terem ficado derretidos, cada uma destas estações retransmissoras poderá ainda recorrer a baterias para funcionar durante seis horas. Em qualquer destes cenários, a estação retransmissora não consegue comunicar com a restante rede - e eventualmente com o posto de comando.

A pergunta que se impões então é, para que serve então um sistema de comunicações de emergência para catástrofes se, quando são mais necessários este sistema não funciona?



Estado de Emergência Municipal Ativado

Durante o incêndio foi ativado o Estado de Emergência Municipal, pelo Presidente da Câmara de Alijó, Carlos Jorge Magalhães.

O fogo foi avançando rapidamente e descontrolado, deixando para trás um rasto de cinza por onde foi passando. O fogo teve várias frentes ativas e o vento não ajudou no combate às chamas. Deste modo, segundo o autarca, a ativação desta medida “foi um pedido de socorro para todo o país”, para ajudar no combate a este incêndio.

Com esta medida, o município de Alijó espera também receber mais contrapartidas financeiras para ajudar a colmatar os prejuízos avultados.

Prejuízos

Depois de quase três dias, as chamas foram finalmente dominadas e extintas, na tarde de terça-feira (18 de julho) e iniciou-se o levantamento dos prejuízos pelas equipas técnicas no terreno. Estimase que a área ardida seja, aproximadamente, 6ha de floresta.

Além da grande mancha florestal, perderam-se também outras culturas, tais como oliveiras, vinhas, amendoeiras e pomares, que eram o sustento de grande parte das famílias desta região, que vive maioritariamente da agricultura.



3ª Global Print esteve de volta ao Douro



Uma região, dois eventos internacionais. A Global Print e a Bienal do Douro estão alicerçadas na mais antiga região vinícola demarcada do mundo - o Douro, região laureada por dois patrimónios da humanidade atribuídos pela UNESCO e mundialmente reconhecidos quer pela sua paisagem vinhateira, quer pelo património arqueológico do vale do côa (o maior santuário de gravura paleolítica do mundo), o Douro é palco também na contemporaneidade, dos maiores eventos de arte gráfica do mundo, reunindo assim dentro de si, uma força e dimensão que ultrapassa as fronteiras do país e se projeta para horizontes infinitos.

Perseguindo este propósito e ambição alcançada, a Global Print e a Bienal do Douro têm vencido os desafios da interioridade, da crise económica, da crise cultural, da própria crise da gravura e tem sabido manter vivos os pressupostos da arte e a autonomia da gravura no contexto da arte contemporânea. Para tal, muito têm contribuído os tributos da gravura tradicional e suas alquimias seculares, mas não menos importantes, das renovadas tendências da gravura digital e dos novos media ao seu dispor, no sentido de lhe conferir a autonomia que ela necessita para subsistir. O campo aberto à gravura pelas novas linguagens híbridas e técnicas não tóxicas, têm projetado o seu impacto de uma forma inovadora e com a vitalidade há muito desejada nos seus domínios.

Evento Global

Com cerca de 500 artistas provenientes de mais de 60 países apenas nesta 3ª edição, a Global Print é um dos maiores eventos de gravura a nível Mundial e o 2º maior em Portugal, superado apenas pela Bienal do Douro.

Alterações climáticas: As consequências estão à vista!



Seca Severa em Portugal este ano

Em abril, a ausência de chuva já dava os primeiros sinais de seca, ainda que sem causar grande impacto na agricultura.

De acordo com o índices meteorológicos de seca, revelados pelo IPMA, que tem em conta os dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo, no final de maio, cerca de 70% do território estava na categoria de “seca moderada”. A 30 de junho, mantinha-se a mesma situação de seca meteorológica em quase todo o território de Portugal continental, relativamente a maio, verificando-se um agravamento da intensidade da seca, uma vez que 72,3% do país se encontrava em “seca severa” e em 7,3% do território registava-se “seca extrema”.

Consequências do calor

Nos últimos 30 anos a temperatura em Portugal tem aumentado a um ritmo de 0,4 a 0,5°C por década. A este ritmo, a temperatura média em Portugal aumentará 5°C durante a próxima década. A amplitude térmica diária tem vindo a decrescer, acompanhada por um aumento da frequência de secas severas e da redução da estação chuvosa, tal como se verificou este ano, particularmente nas regiões do Sul do país, prevendo-se um aumento substancial do risco de incêndio. Estas alterações irão afetar muito significativamente a agricultura e pecuária.

Outra das consequências é a diminuição do nível da água nas barragens, que servem para abastecimento e consumo das populações. Há 27 anos que não havia tão pouca água nas barragens portuguesas. São mais de 50 as barragens onde os armazenamentos são inferiores à média registada entre 1990 e 2016.

Ainda segundo o IPMA, a primavera deste ano foi a terceira mais quente desde 1931, a seguir à de 1977 e mais recentemente a de 2011.

No mês de julho, a situação de seca meteorológica manteve-se em quase todo o território de Portugal continental, verificando-se um desagravamento na região interior norte e um agravamento no interior do Alentejo. No mesmo documento, é indicado que 69,6% de Portugal continental estava em “seca severa”, 9,2% em “seca extrema”, 16,5% em “seca moderada”, 4,2% em seca fraca e apenas 0,5% se encontrava em estado normal, durante o mês de julho.

O IPMA classifica em nove classes o índice meteorológico de seca, que varia entre “chuva extrema” e “seca extrema”.



Também a EDP reduziu a produção de eletricidade com recurso às barragens.

Vários municípios nacionais ativaram planos de contingência devido à escassez de água, sensibilizando as populações no sentido de racionalizarem a água, não a utilizando para regas, lavagem de carros, os banhos serem o mais curto possíveis, etc.

Consequências na nossa Região

Em Alijó, bem como em alguns concelhos desta região, como por exemplo Murça e Peso da Régua, não foram afetados pela falta de água na rede pública, mas mesmo assim, os municípios lançaram o apelo às populações para moderarem os consumos de água, nomeadamente durante o mês de agosto, altura em que algumas aldeias mais do que duplicam com o regresso dos emigrantes.

Carlos Jorge Magalhães, autarca de Alijó, apelou à tentou sensibilizar as populações, apelando a “uma utilização mais consciente” da água. Neste concelho, depois de deflagrar o grande incêndio do mês de julho, os níveis de água na barragem da Chã, que abastece parte do território deste concelho, desceu significativamente.



Barragem de Vila Chã

Na nossa aldeia

Também em S. Mamede de Ribatua se verificou as consequências do excesso de calor e do tempo seco que se registou este ano.

O ribeiro que atravessa a nossa aldeia secou, sendo esta a consequência mais visível e mais grave, pois este pequeno curso de água é fundamental não apenas para regadio, mas também pela beleza que dá à nossa aldeia. Também os peixes e outros animais aquáticos dependem deste pequeno ribeiro.

Com a ajuda de alguns populares, alguns peixes foram salvos e retirados dos pequenos charcos de água que ficaram e foram colocados no chafariz. Uns dias depois, já quando o caudal do ribeiro já estava normalizado e tinha água suficiente, estes peixes foram recolocados no seu habitat natural.

Mesmo assim, houve muitos peixes que morreram, em toda a extensão d ribeiro.

Outra causa visível e consequente do calor foi a antecipação das vindimas em cerca de três semanas. Verificou-se um “stress hídrico, nas videiras, devido à falta de precipitação, o que originou à seca de algumas videiras, nomeadamente nas vinhas mais expostas ao sol e calor.



É tempo de vindimas!

Vindimas antecipadas devido ao tempo quente e seco.

Está a terminar mais uma época de vindimas! Primeiro foram colhidas as uvas moscatel e branco, estando nesta altura na fase final as colheitas das uvas para vinho tinto.

Este ano vitícola foi caracterizado pela seca prolongada, que nos últimos meses se tem agravado, chegando a seca severa, em que a precipitação foi inferior a 50% em relação a um ano normal. Estas condições, apesar das videiras durienses já estarem habituadas ao clima quente e seco, levaram os produtores a antecipar a vindima em cerca de três semanas.

A época das vindimas

É uma época singular na região que abrange todas as atividades que decorrem entre a colheita das uvas até à produção do vinho.

O fim do verão e o início do outono marcam o início das vindimas, pois as uvas já se encontram prontas para serem colhidas das videiras, num trabalho realizado em ambiente de festa e convívio, para depois se produzir o vinho do ano. Uma tradição duriense que, apesar de modernizada em alguns aspetos, ainda é o que era.

Embora sem os contornos de festa de tempos passados, as vindimas de hoje continuam a aliar uma forte componente de convívio ao seu trabalho incontornável. Continua-se a reunir a família e amigos em torno deste ritual anual. Com tesouras na mão e baldes ou caixas aos seus pés, recolhem-se cuidadosamente os cachos das uvas.

Os carros de bois de outrora deram lugar aos tratores que transportam as uvas, que antes seguiam para os lagares para serem pisadas, agora são levadas para as adegas onde, com recurso a equipamentos mecânicos, são transformadas em vinho.

No entanto, a seca severa que afetou a região provocou situações de “stress hídrico extremo”, ou seja, a falta de água nas videiras levando a uma antecipação generalizada das vindimas, refletindo-se deste modo em colheitas de boa qualidade e a um aumento de produção.

O Inverno foi frio mas a Primavera foi bastante quente o que levou a um avanço do ciclo vegetativo da videira em cerca de três semanas.



As vindimas na nossa aldeia

Também em S. Mamede de Ribatua a azáfama tem sido grande por estes dias.

De manhã, bem cedo, é grande a movimentação de carrinhas e de pessoas que vão para as vindimas. A concentração é feita, sobretudo, no centro da aldeia, onde muita gente aproveita para comprar a merenda para o pequeno almoço e almoço, que é feito nos terrenos, pois não há tempo para se vir almoçar a casa.

Esta ainda é uma tradição bem viva na nossa aldeia. Ainda são muitos os que produzem, nos seus lagares, o seu próprio vinho para consumo durante o ano.



As estatuetas de barro pintadas do Escultor José Joaquim Teixeira Lopes

(Texto adaptado de uma comunicação por mim proferida num coloquio sobre romantismo, realizado em junho de 2016 no arquivo de Gaia, a publicar brevemente nas atas do mesmo)



**António Manuel
T. Lopes da Cruz**

Neste jornal já abordámos a vida e obra do escultor ribatuense JOSÉ JOAQUIM TEIXEIRA LOPES. Agora trataremos de nos focar numa das áreas em que se revelou mestre incontestado: a produção de pequenas figuras em barro representando costumes populares, pintadas de forma o mais real possível.

Cultivada por escultores e barristas de renome, com elevada preparação técnica, esta variante artística tem apresentado em Portugal uma produção de alta qualidade, que se materializou, desde os séculos XVII/XVIII, em figuras isoladas e grupos (presépios, em particular), constituindo verdadeiras obras de arte em miniatura.

Teixeira Lopes desde o início da sua carreira de artista (1859), quando se instalou no Porto (e mais tarde em Vila Nova de Gaia), dedicou uma parte substancial do seu tempo a modelar de forma sistemática tais figurinhas, normalmente com olhos de vidro, as quais pintava com as cores naturais. Manteve essa actividade na Fábrica de Cerâmica das Devesas, de que era sócio e responsável artístico.

Estas estatuetas são hoje escassas, verdadeiras peças de colecção, raramente surgindo em leilões ou antiquários.

Foram-se assim acumulando Lavradeiras e Lavradores, Varinas e Varinos, Ceifeiras, Leiteiras, Vendedeiras de galinhas, Dançarinos e Tocadores de viola ou gaita de foles, figuras que existiram na realidade ("Urbano"), figuras jocosas ("Frade glutão", "Matança do porco"), ou representativas de dramas sociais ("Casal de bêbados", "Grupo de mendigos"), ou em trajes domingueiros, etc.

A sua fonte de inspiração principal foi a sua própria observação dos costumes, trajes, profissões, personagens típicas, humorísticas ou que desenvolviam actividades lúdicas, de várias regiões do país.

Estas largas dezenas de estatuetas constituem um notável retrato da sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX, de grande valor etnográfico e etnológico, focando essencialmente as camadas mais populares.



Na imagem em cima, intitulada "Lavradeira", podemos ver o pormenor duma figura de grandes dimensões, bela e expressiva, em que se salienta o detalhe das pinturas das vestes, tratadas com grande minúcia.

O Presépio de Ovar



Teixeira Lopes criou um grande presépio, que pode ser admirado na Igreja Matriz de Ovar, encomenda de Ferreira Menéres, que o ofertou cerca de 1860.

Apreciação crítica

O escultor José Maria de Sá Lemos (1892-1971), neto de Teixeira Lopes, escreveu um pequeno, mas significativo artigo, pleno de ternura e admiração, que constitui um testemunho essencial de alguém que privou com o avô e presenciou o seu labor.

A ele se dirigindo, escreveu: “Tu, que conhecias até ao âmagos os teus modelos, reproduzia-los conversando com eles, mesmo ausentes, por que os tinhas dentro de ti, no coração: olha aquele “Aguadeiro”, da saudosa R. do Laranjal, o que te levava a água todos os dias e contigo conversava, aquele que tu curaste de uma grande gripe com uma aplicação de ortigas”. (sic)

Sá Lemos destaca também o “Urbano”, “figura típica que foi (de Vila Nova de Gaia) e que eu bem conheci e me lembro de ver a caminho do matadouro, em Stº Ovídio, prestando a sua ajuda fraca mas necessária à sua manutenção. Sempre descalço, o primeiro homem que deixou de usar chapéu”.



Aguadeiro



Urbano



O Mendigo

Exposição Universal de Viena (1873)

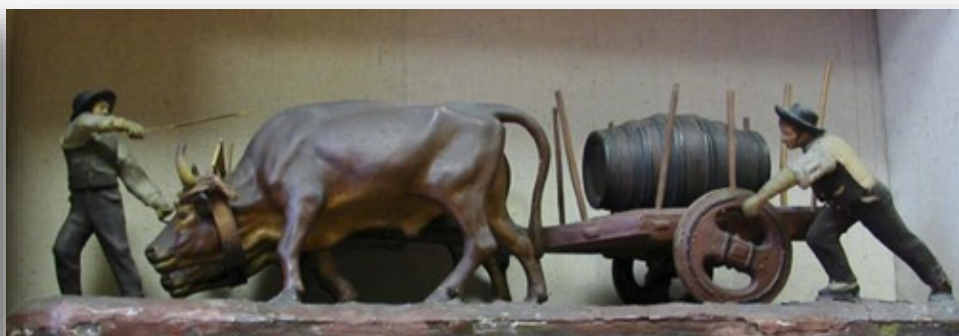
Foi a primeira vez que a Fábrica Cerâmica das Devesas esteve presente num evento internacional capaz de lhe permitir alargar o seu mercado, através da apresentação dos seus produtos. A empresa preparou-se atempadamente, tendo Teixeira Lopes criado peças especificamente para este certame; a mais conhecida é a estatueta “O Mendigo”.

Exposição Cerâmica do Porto (1882)

“O Comércio de S. Paulo de 13 de Novembro de 1882” dedica à exposição uma circunstanciada notícia, donde se extrai o seguinte fragmento: “... Os outros expõem grande numero de tipos e costumes das nossas aldeias ruraes e maritimas. A fabrica das Devesas expõe além d’isso diversos grupos, como são: a “Morte do porco”, e o “Carro de bois”. A esculptura que esta fabrica exhibe, torna-se notavel pela correcção de linhas e naturalidade de expressão, sem exageros, e a pintura accusa um aturado estudo...” (sic)



Matança do Porco



Carro de Bois

Carta de Foral de Ribatua (1262)



**António Júlio
Pinto da Rocha**

Este documento foi escrito pela mão de João Pedro, tabelião da cidade de Braga no dia 17 de Março de 1300 (era de César).

A leitura atenta da carta permite-nos a recolha de dados significativos para a compreensão desse período.

Abre com a expressão "In dei nomine" (Em nome de Deus) o que constituía prática habitual, na época, caracterizada por intensa religiosidade, o que explica a onipresença divina no quotidiano e o elevado protagonismo da Igreja.

O foral informa-nos das actividades económicas dos ribatuenses, nesse tempo.

Naturalmente a agricultura ocupava local de destaque. É evidente que a pecuária existia, em larga medida, como actividade sua subsidiária porquanto se criavam animais, como o boi, com a finalidade de trabalha-rem nos campos.

Os cereais abundavam, mesmo em variedade: trigo, centeio e cevada.

Diversos moinhos de água, durante muito tempo, fabricaram a preciosa farinha, matéria-prima de pão saboroso. Em tempos idos, relativamente recentes, as populações do concelho acorriam ainda a S. Mamede, a moer o seu cereal.

Igualmente se produzia bom vinho. No foral, não constava o azeite, mas com toda a probabilidade de certeza já se praticava aqui a cultura da oliveira. Também se colhiam óptimos legumes.

Outra cultura agrícola dos ribatuenses, na época, era o linho e que hoje lamentavelmente não existe. Recorde-se que esta fibra vegetal alimentava, como matéria-prima, o fabrico artesanal de magníficos panos e as preciosas redes de pesca. Esta indústria, face à concorrência dos tecidos de algodão produzidos mecanicamente, a partir do século XIX, desapareceu quase por completo do nosso país.

A pesca aliciava alguns dos moradores. O rio Tua outrora criava espécies piscícolas, entretanto desaparecidas das suas águas. Por exemplo, a lampreia deixou de frequentar o rio Tua, há escassas dezenas de anos. Neste afluente do Douro localizava-se o Cachão das Lajes Más que deve ser com certeza, até pela actualidade da toponímia, o "Cachum de lagenas malas" que o arcebispo de Braga reserva para si.



Rio Tua: Cachão das Lajes Más (foto da primeira década do Séc. XX, in Ilustração Transmontana)

Naquele tempo, a população portuguesa não ultrapassava o milhão de pessoas, consequentemente as florestas cresciam em liberdade, o que criava condições favoráveis à proliferação das espécies cinegéticas, pelo que se praticava a caça.

A referência à cera indicia a existência da apicultura (criação de abelhas). Esta actividade possibilitava a obtenção do mel, alimento de inestimável valor culinário, numa altura em que o açúcar ainda não se encontrava à disposição das pessoas.

Curiosamente refere diferentes modalidades de pagamento de im-postos: em produtos agrícolas (trigo, centeio, pão, cevada, legumes, vinho e linho); produto venatório (lombo); produto apícola (cera); produto piscícola; e finalmente em trabalho.

Aqui a contribuição pesava sobremaneira, no caso da pesca ascendia a vinte e cinco por cento, valor manifestamente brutal "Item de omni piscato marisco nobis dare debetis quartam partem".

Muito provavelmente este rigor na tributação explica a persistência, na memória colectiva, da expressão: "Mais te vale ouvir os sinos da Sé de Braga!...", no contexto de ameaça de castigo violento.

Na época, aos mordomos atribuíam-se a função de arrecadar os impostos. Os serviçais, seus subalternos, coadjuvavam-nos nessa tarefa, designadamente no caso das contribuições pagas em géneros. Embora fosse costume dispensar do pagamento do tributo as pessoas no exercício deste cargo, elas pouco o cobiçavam.

O foral referencia estas duas funções que aparentemente são desempenhadas pela mesma pessoa, habitante de S. Mamede "et vnus ex vobis debet esse noster maiordomus et seruicialis in ipso Cauto quem nos elegerimus..."

Neste foral, referem-se vários pesos e medidas.

Assinale-se que os pesos e medidas, na Idade Média, variavam com frequência de terra para terra, o que naturalmente entravava o comércio e criava condições objectivas para a exploração do consumidor.

O sistema então em vigor, na Península Ibérica, resultou da fusão dos sistemas romano e árabe. A título de exemplo os Mouros introduziram o almude, alqueire e o arrátel.

O almude oscilava entre a capacidade máxima na Beira (26 litros) e a mínima na Estremadura e Algarve (18). Em Trás-os-Montes corria a versão de 25. Usava-se na medida de líquidos (vinagre e vinho) e mesmo de sólidos (sal e cereais, por exemplo).

O alqueire correspondia teoricamente ao almude, mas na prática registavam-se desvios na sua equivalência.

O alqueire, como o almude, representava igualmente uma medida de peso que, em regra, variava entre 14 a 18 Kg, contudo sujeitava-se, algumas vezes, a oscilação mais ampla.

No documento identificamos outras medidas de peso: a teiga ou taleiga (muito incerta, muitas vezes equivalente a dois alqueires); a libra (326 a 489 g); a onça 30 g.

Passemos para o capítulo da justiça. No intuito de assegurar a ordem pública, castiga-se com multa o morador violento que atacasse outro "et si aliquis uestram aceperit ferrum contra alium debet pectare nobis quin-qué modios...". Os outros crimes

passavam a ser julgados por juiz, segundo o costume de Panóias "et omnes alie calupnie... judicentur secundum consuetudinem terre de panoniis per iudicem ipsius Cauti quem nobis ibi posuerimus pro iudice de consilio vestro".

A inexistência da pena de expulsão de moradores insere-se na política de povoamento, implementada pela Sé de Braga. Algumas medidas, contidas na carta de foral, pretendem favorecer a sua fixação.

Os habitantes de S. Mamede recebem o território do couto a "foro perpétuo", com excepção da igreja paroquial com todos os seus haveres e a já citada pescaria do Cachão das Lajes Más.

Ficam também isentos de impostos por morte e sucessão de bens.

A obrigação do apelido (combater contra o inimigo tradicional, cuja recusa implicava o pagamento de multa tanto ao peão como ao cavaleiro) e mandato da Sé de Braga reduziu-se aos casos em que era viável o regresso a casa, no próprio dia.

Os habitantes ficavam obrigados a organizar vinte e quatro courelas, nas terras arroteadas. Concomitantemente deviam formar mais vinte e cinco, nas incultas, cabendo uma à igreja. Por este processo, concedia-se a cada courela, em terra arroteada ou povoada, a organização de outra, em solo brávio e ermo, fomentando a expansão da agricultura e o povoamento. Nesta lógica bem se compreende a penalização do concelho com impostos (seis dias de trabalho para a igreja com bois ou outra forma) por cada courela mesmo que andasse desabitada.

Outra determinação, no sentido de fixar os moradores, normaliza a venda dos prédios rústicos: o colono devia oferecê-lo preferencialmente à família: pai, mãe, filhos, irmãos, tios e sobrinhos, segundo esta ordem. Se a família expressasse desinteresse podia oferecê-lo à Sé de Braga ou então à igreja paroquial. Em caso de não ter mesmo assim concretizado a venda, podia vendê-lo então a quem morasse ou quem viesse habitar em S. Mamede, ficando o comprador com a obrigação de fazer o foro à Sé.

Finalmente, proíbe-se a herança das terras aos fidalgos, clérigos e aos não moradores, no concelho de S. Mamede.

BREXIT

No contexto Europeu e da nossa aldeia

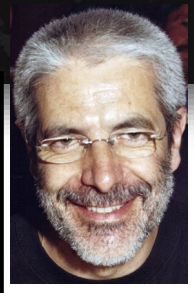
O Brexit no contexto Europeu e da nossa aldeia apresenta novos desafios com algumas oportunidades e riscos a que não nos podemos alhear. De fato, o futuro depois da saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit) é uma das questões mais importantes para a Europa, para Portugal e com impacto nalgumas das empresas nacionais assim como em cada um de nós. Deste modo, deveríamos acompanhar de modo sereno mas atentamente as negociações em curso fazendo chegar as nossas necessidades e expetativas através de quem nos representa e que elegemos tanto ao nível local como nacional. Em particular, a nossa aldeia beneficia com um comércio internacional que permite escoar o vinho do Porto assim como possibilita aos nossos emigrantes circularem e residirem no Reino Unido.

Na crónica de hoje queria lembrar um pouco da história que nos ajude a refletir no presente e assim preparar o futuro. No início do século XVIII, François Calliers além de ser membro da Academia das Ciências Francesa e conselheiro do rei Luís XIV foi nomeado embaixador plenipotenciário para negociar tratados de paz com vários países Europeus. Da sua experiência escreveu um livro, publicado em 1716, "Como negociar com soberanos" (De la manière de négocier avec les souverains). Já naquela altura ele alertava para a interligação económica e social dos povos Europeus suportada pelas redes de comércio e de interesses, pelo que qualquer ação num dos reinos da Europa teria repercussões nos outros reinos. Daí que elaborasse alguns princípios básicos para se prepararem acordos internacionais duradouros que garantissem a paz e harmonia entre nações respeitando as necessidades de fluxo de bens e pessoas entre elas. Uma das suas regras de ouro aponta para as vantagens de se ultrapassar a mesquinhez de vista curta para lucros imediatos, optando por se negociar com uma perspetiva equilibrada de ganhador-ganhador para ambas as partes em jogo de modo a se obter um futuro melhor para todos. O falhanço de negociações, o terem resultados desequilibradas ou não serem corrigidas atempadamente tem originado guerras sangrentas ao longo da história da humanidade. Esse livro foi traduzido em várias línguas incluindo o Português e serviu de manual aos diplomatas ao longo de várias gerações até ter ficado esquecido nos cantos das bibliotecas.

Porém, duzentos anos depois em pleno conflito mundial na I Grande Guerra e perante o impasse de resolução militar a diplomacia foi relançada pelos beligerantes para obterem uma saída. Nessa altura, o diplomata britânico Sir Ernest Statow publicou em 1917 o "Guia da prática diplo-

mática" (Guide de la pratique diplomatique) onde faz muitas referências ao livro de François Calliers, considerando-o "uma mina de sabedoria política". Mais tarde, para se perceber a origem da I Grande Guerra e como evitar conflitos mundiais foram feitas análises e reflexões com algumas publicações de relevo. Entre essas publicações, salienta-se o livro de outro diplomata britânico, Sir Alexander Frederick Whyte, secretário privado de Winston Churchill, que se refere ao espírito e princípios de François Calliers, adaptando-os à realidade do século XX para se prevenirem conflitos.

Alguns historiadores indicam que a guerra rápida da Prússia contra a França no fim do século XIX, anexando regiões cobiçadas pelo ferro e carvão que tinham, deixou marcas e germes e que levariam à I Guerra Mundial, através da diplomacia secreta e respetivos pactos que incluíam a partilha das nossas ex-colónias entre a Alemanha e a Inglaterra. O desequilíbrio do tratado de Versailles no fim da I Grande Guerra associada à crise da bolsa Norte Americana criou condições sócio-económicas desastrosas que levaram à II Guerra Mundial. Aprendendo um pouco com estas lições da história tivemos acordos como o que regulou a gestão comum do ferro e aço entre as potências europeias seguido dos tratados do Espaço Económico Europeu iniciado pelo de Roma (25/03/1957) que teve o epílogo do tratado da União Europeia também conhecido pelo Tratado Europeu de Lisboa (13/12/2007). Adicionalmente, foram sendo celebrados acordos complementares como o da EFTA ou bilaterais para relações essencialmente comerciais para países fora da UE. Todos estes tratados e acordos mais a proteção militar da associação da OTAN tem permitido gozarmos um período alargado de paz na Europa com a exceção dos Balcãs (ex-Jugoslávia) e agora na Ucrânia onde há que progredir no caminho da paz. Tem havido acordos bilaterais como o da Irlanda com Inglaterra que foram apadrinhados e enquadrados pela UE permitindo o fim de conflitos e o regresso à paz entre as comunidades católica e protestante da Irlanda do Norte.



**Manuel C.
Guimarães Monteiro**

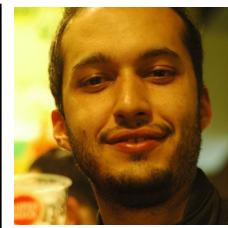
Entre os tratados bilaterais entre Portugal e o Reino Unido gostaria de salientar o tratado de Windsor que foi assinado pelo nosso rei D. João I em 1395 após a batalha de Aljubarrota e ainda continua hoje em vigor como base de aliança entre os dois países. Este tratado tem sido usado em várias ocasiões da nossa história como por exemplo em 1640 na consolidação da nossa independência, nas Invasões Francesas (também conhecidas como Guerras Peninsulares), no nosso envolvimento na I Grande Guerra, na neutralidade cooperativa com os Aliados na II Guerra Mundial cedendo o uso de bases militares aos Aliados nos Açores e recentemente no acompanhamento dos interesses Portugueses nas negociações do Brexit. Por vezes o Reino Unido contornou este tratado como no caso do seu ultimato a Portugal na ocasião do mapa cor de rosa, contendo os territórios entre Angola e Moçambique, que era reclamado por ambos Portugal e Inglaterra. Outro tratado bilateral com a Inglaterra com interesse para a nossa aldeia foi o de Methuen que vigorou no período de 1703 a 1836. Este tratado também é conhecido pelo nome “Panos e Vinhos” por ter permitido exportar vantajosamente o nosso vinho e em particular o vinho do Porto para Inglaterra em troca de condições favoráveis á importação de tecidos britânicos naquele período.

É pois importante obter-se um bom acordo bilateral da UE com a Inglaterra como se conseguiu com outros países Europeus como por exemplo a Noruega, Suíça e Liechtenstein. Deveríamos por exemplo tentar garantir que a futura relação comercial entre o Reino Unido e a União Europeia mantenha um enquadramento idêntico ao atual, sem restrições tarifárias e com standards e regras comuns no que diz respeito à circulação de cidadãos. Em complemento um acordo bilateral entre Portugal e a Inglaterra talvez venha a ser necessário para salvaguardar os nossos interesses específicos de zona vinícola.

Mantendo a esperança no futuro, devemos ser exigentes connosco próprios assim como com quem for eleito para que estes sejam porta-voz das nossas prioridades e anseios nos diálogos que se avizinham do Brexit. Deste modo, é importante que cada um de nós exerça o seu direito de voto tornando-se assim um elemento ativo na comunidade em que está inserido.



Valorização do caminho romano de S. Mamede de Ribatua



Pedro Azevedo

O concelho de Alijó era atravessado por duas vias principais que ligavam Braga a Astorga, segundo o Itinerarium de Antonino. A partir daqui, emergiam diversas vias secundárias, como a via que que liga S. Mamede de Ribatua ao Amieiro. As vias secundárias não possuíam miliários e eram alvo de um menor investimento durante a sua construção. Apesar disso, esta via pode ter servido povoados proto-históricos, ou seja, os castros do Pio-lho, de Cortinhas e de Safres, localizados em S. Mamede de Ribatua. Estas vias romanas, principais e secundárias, integravam-se numa complexa rede viária que tinham como objetivo primordial ligar os grandes centros administrativos.

Foi “o subsolo ribatuense, rico em minério, que atraiu provavelmente a cobiça dos romanos” (ROCHA, Pinto, Monografia de S. Mamede de Ribatua, p. 23) por S. Mamede de Ribatua.

Apesar de não ser possível determinar em termos cronológicos o período de construção desta via, estabelece-se que foi construída durante o período romano. Um dos vários indicadores é o aspeto do caminho não possuir curvas, pois as estradas romanas excluía as curvas.

Na sua maioria, a via é pavimentada com lajes poligonais de granito de grande dimensão, conferindo-lhe um estado de solidez que permitiu que chegasse aos nossos dias. Contudo, em algumas partes já não existe este lajeamento, sendo apenas em terra batida. Em alguns troços, dá para perceber que a calçada possui um perfil abaulado, ou seja, mais alto ao centro para permitir a drenagem da água da chuva para as valetas.

Neste contexto, a presença romana neste território é confirmada pelo descobrimento de vários “achados romanos, designadamente elementos arquitetónicos como colunas, cornijas, tijolos, por exemplo) e também ânforas, em S. Mamede de Ribatua” (ROCHA, Pinto, Monografia de S. Mamede de Ribatua, p. 23). A própria toponímia remete para esta presença: rua da Calçada, comprovando que esta artéria teve a sua génese na «calçada» romana. Note-se que esta rua ainda possui as lajes..



A ponte sob a ribeira de S. Mamede é de origem romana, mas sofreu alterações ao longo da Idade Média, conferindo-lhe um aspeto de cariz medieval. A última reforma realizada na ponte foi no século XVIII. A ponte de estilo românico é constituída por dois arcos de volta perfeita, apresentando-se o arco central com grande amplitude. O seu tabuleiro é ligeiramente em cavalete, “isto é, com piso em dupla rampa” (ALMEIDA, Carlos, História da Arte em Portugal: o românico, p. 149).



Com o passar do tempo, a via romana dentro de S. Mamede foi incorporada na aldeia devido ao crescimento da povoação, não sendo perceptível os locais onde a via passava. Situação idêntica ocorre em Safres, onde o caminho romano toma a designação de rua de Santo António; e no Amieiro onde a calçada recebe o nome de Santa Luzia. Em ambos os casos, dentro das povoações o caminho romano deixa de ser perceptível. De igual modo, a inexistência de documentos históricos não permite obter informações precisas.

Em S. Mamede, presume-se que ao sair da ponte romana, em direção à povoação, o caminho continuasse pela travessa da Rebosa, por uma parte da rua António Marinho e atingisse a rua da Calçada. Sendo o núcleo da igreja a parte mais antiga de S. Mamede, presume-se que o caminho romano tivesse aqui início ou atravessasse esta parte da povoação.

Além do período romano, o caminho continuou a ser utilizado durante a Idade Média e épocas posteriores. Foram construídas alminhas ao longo do caminho, bem como na área envolvente foram edificadas vários santuários como a Capela da Nossa Senhora dos Prazeres ou também denominada por Senhora da Cunha (onde existia um castro que foi ocupado pelos romanos), onde os romeiros utilizavam o caminho romano para chegar ao local de culto. Estas duas situações comprovam a manutenção da via romana pela população local. Ao longos dos séculos, o caminho continuou a ser utilizado pela população para as suas deslocações e principalmente para as atividades agrícolas, nomeadamente para a passagem de carros de bois e transporte de bens agrícolas.

A própria estrada municipal que liga S. Mamede ao Amieiro, a EM 596, passando por Safres, tem um percurso paralelo ao caminho romano. A realização deste percurso permite ao visitante conviver com as gentes destas terras, visitar povoações e sítios de elevado interesse histórico-cultural e usufruir de uma paisagem única.

Apesar do caminho não se encontrar classificado, a valorização desta via romana (em excelente estado de conservação) enquanto recurso turístico, conciliado com as novas atividades turísticas que surgem no Vale do Tua devido à construção da albufeira, como o parque natural regional, sem dúvida que se apresenta como um novo e importante atrativo dinamizador para o concelho de Alijó, mas principalmente para S. Mamede de Ribatua.



Pedro Bastos

Se há datas na nossa história que não podem ser alvo do esquecimento são o 5 de outubro e o 25 de abril. Feriados nacionais, ambos, é claro. E com toda a justiça, apesar das recentes tentativas de apagamento de um deles.

O 5 de outubro relembra a implantação da República, revolução que entre 2 e 5 de outubro de 1910 afastou a monarquia e implantou um regime republicano em Portugal. Mudanças profundas, seguindo os princípios da revolução francesa de 1792, foram depois implementadas no país.

Consolidou-se, por exemplo, a abolição pioneira da pena de morte para crimes civis, aprovada ainda em 1867. Portugal foi dos primeiros estados soberanos do mundo e o primeiro europeu a abolir a pena de morte, realidade sancionatória expressiva de atrasos civilizacionais de que muitos países, no seu quadro jurídico, ainda hoje padecem (entre eles os Estados Unidos e a China, ou seja, as vanguardas económicas da humanidade).

O feriado do 25 de Abril, por seu turno, celebra a Revolução dos Cravos, resultante de vastos e severos movimentos sociais que se foram desenvolvendo até que um Movimento das Forças Armadas (o MFA) tomou a iniciativa de devolver a liberdade e a democracia ao povo.

Inúmeras alterações sócio jurídicas foram então logo assumidas pela Junta de Salvação Nacional que ficou encarregue de governar o país. Seguiu-se um tempo de PREC (Processo Revolucionário em Curso), repleto de incidentes marcados por manifestações, ocupações, governos provisórios e grande agitação revolucionária, social, política e militar... Festa, ilusões, lutas e quimeras dominaram o país... Convulsões passadas, ficou a democracia, nome que também se usa para a corrupção e o engano.

Da revolução dos Cravos nasceu a Constituição da República Portuguesa de 1976, que aboliu totalmente a pena de morte em Portugal, pois afastada da justiça civil, permanecia em vigor no Código de Justiça Militar – sendo que vários militares forçados a participar na guerra colonial foram condenados a sofrê-la.

Também, pois, na consolidação do direito à vida surgem estas duas datas, o 5 de Outubro e o 25 de Abril, bem unidas... Portugal tem bons dias, embora nem sempre seja o que aparenta. Sofre o povo, ilude-se depois... e até à data, aguenta.

A ordem Jurídica



José Abreu Fonseca
- Advogado -



Síntese Recapitulativa

Com a minha colaboração neste jornal propus-me “organizar nas suas páginas uma espécie de formação jurídica básica, um vislumbre profícuo das matérias do direito” com a preocupação não sobretudo de “transmitir conhecimentos avulsos, mas antes, sim” de “facultar ferramentas ou critérios que permitam integrar conhecimentos que de antemão todos nós já temos”.

Creio (como já disse) que “a formação jurídica do povo português deveria ser preocupação fundamental da ação governativa”, pois relacionam-se os homens em sociedade “sobretudo através da prática de atos jurídicos, de diversas naturezas e formatos”, sendo o direito “a gramática da vida social”.

O direito é um sistema de normas, de regras, que na sua essência se caracterizam pela exigibilidade, ou seja, têm de ser acatadas quer quando impõem comportamentos quer quando os proíbem – o que as distingue de outros sistemas de regras, como as morais, as religiosas e as de cortesia.

Estes, muito resumidamente, os assuntos versados nos meus dois artigos anteriores. Enceto agora uma abordagem à ordem jurídica, princípios na génese da sua formação (I), sua característica de ordem especialmente disputada (II) e sua qualidade de mera alternativa na regulação social dos comportamentos (III). Abordagem esta que prosseguirá no artigo seguinte.

I - A Ordem Jurídica e os seus Princípios Formadores

A ordem jurídica, sistema de regras de cumprimento exigível, é estruturante da organização social, regulamenta a vida agregada dos homens que entre si interagem com vista à sobrevivência comum. Manifesta um princípio normativo, axiológico, que demarca uma espécie de fundo comum de práticas valoradas como exigíveis, estabelecendo uma espécie de sinalética de condutas, cunhando regras e traçando fronteiras. Regras em constante risco de invasão por ‘hordas bárbaras’ múltiplas: poderes dominiais, práticas, valores económicos, políticos, religiosos, proféticos, morais, filosóficos – alternativos e conflitantes – assaltam e espreitam.

Conteúdos culturais historicamente dados da norma e dos valores ético-jurídicos (entidades arreigadas aos interesses e aos instintos que estão na sua génese) ingressam, saltam então, por força de um princípio discursivo, de um nível profundo de significações que participam da natureza dos sujeitos sem deles se distinguirem, para níveis qualificados de objetivação, passando a ser verbalmente formuláveis e portanto prontos para se distinguirem dos sujeitos dela portadores.

Atua o princípio normativo diretamente ao nível das significações axiológicas indiferenciadas e profundas, produzindo regras jurídicas. Mas é o princípio discursivo que simultânea ou sucessivamente viabiliza e opera a sua conceptualização e verbalização.

O princípio normativo é um conversor axiológico. O princípio discursivo é um operador hermenêutico. O primeiro transforma eticamente interesses e poderes fácticos, fundando a juridicidade e produzindo regras (práticas de atuação mimetizáveis). O segundo opera sobre a norma profunda ou com ela, vincando (linguisticamente) a autonomia do jurídico e produzindo preceitos (dizíveis, transmissíveis e positiváveis).

O princípio discursivo supõe a condição humana de que antropologicamente emerge e é constitutivo. O princípio normativo é intrínseco à ordenação social. Sujeitos ambos à historicidade do homem e das sociedades humanas, os respetivos ritmos evolutivos são substancialmente díspares.

Das relações fácticas, de poder, dominiais que estabelecem entre si, separam os homens, extraem, libertam, dimensões, aspetos, qualidades, constituindo com essa matéria metaforicamente apurada (a partir de correlações imediatas de sagesa e força) um corpus social regulador e autónomo: o direito. Sendo que o direito não é um exclusivo dos homens...

Os animais marcam, individualmente ou em grupo, zonas de caça, estabelecendo territórios de que pretendem a exclusividade. Mas todos os dias têm que exercer domínio efetivo sobre o território demarcado. As marcas que deixam têm por único efeito estabelecer as fronteiras que ameaçam defender, disso mesmo deixando aviso ‘público’. Mas a exclusividade da reserva territorial carece, no mundo animal, de presença e defesa efetivas.

Têm os machos dominantes, em certas sociedades animais, o exclusivo sexual das fêmeas e da procriação. Mas esses privilégios mantêm-se apenas enquanto conseguirem resistir aos desafios ciosos dos machos concorrentes.

As relações fácticas versadas (domínio territorial, defesa de exclusivo sexual), ainda que perdurem, são imediatas – caracterizam-se por uma forçosa atualidade, ou seja, perduram apenas enquanto puderem ser (constantemente) defendidas e impostas.

Numa relação de troca direta perfeita e imediata (pão por batatas com entregas simultâneas e nos termos acordados), os direitos e deveres das partes esgotam-se no preciso momento em que se formam, pelo que não chegam a autonomizar-se. A questão põe-se quando a quitação é diferida no tempo, dando aso à constituição de um direito e do correspondente dever.

Este direito separa-se da transação económica e viabiliza-a, intermediando as entregas que a constituem. E o seu funcionamento voluntário evita o uso da força: Sai a mercadoria e surge o direito no lugar dela e na titularidade de quem vendeu; entra o dinheiro (ou a mercadoria a receber em troca) e o direito desaparece.

Dois proprietários de prédios confinantes estão dispensados de defender imediata e constantemente as respetivas posses e impedidos de reciprocamente atacarem a posse do vizinho. Os seus prédios não estão à mercê porque as implicações do poderio efetivo (defesa constante das demarcações, ocupação e exercício permanente da posse) saltam, separam-se metaforicamente das relações diretas e imediatas estabelecidas com os respetivos terrenos, constituindo direitos de propriedade que dispensam atuações imediatas de defesa da posse.

Estas dimensões inerentes à relação fáctica entre vizinhos e destes com as respetivas coisas, são pois metaforizadas, formando direitos com existência para além da realidade empírica. E os filhos só sucederão post mortem na posse dos respetivos progenitores, pois através do direito sucessório são eliminados enfechos e virtualidades de reocupação diversa. E cada um se abstém de copular com a mulher do próximo (pelo menos às claras) pois, por força do direito familiar, tem cada qual um exclusivo de relação sexual com a sua. E nenhum dos vizinhos mata, agride, rapta noiva, viola, furta ou maldiz na vizinhança – interdições constitutivas de direitos de personalidade e de direitos criminalmente protegidos –, evitando do mesmo passo reações sancionatórias e ações similares.

Acontece no entanto que as trocas nem sempre são simples e imediatas, os terrenos não são igualmente férteis nem as mulheres do mesmo modo bonitas. E, enfim, o delito (civil, criminal) é constante, com ele regressando em pleno a necessidade do uso coercivo da força.

Os exemplos e direitos escolhidos podem ser comunalmente configurados: no lugar dos vizinhos podem colocar-se clãs, referindo-se então a dominialidade ao conjunto dos respetivos territórios e a um direito tribal; podem colocar-se tribos ou povos, referindo-se então a dominialidade às respetivas fronteiras e a um direito nacional ou internacional; classes económicas ou castas sociais, referindo-se a dominialidade aos respetivos estatutos. Em qualquer caso o *modus operandi* dinamizado pelo princípio metafórico mantêm-se. E permitirá mesmo afirmar uma espécie de anterioridade ontológico-histórica do direito relativamente ao estado, explicar a

‘uniquidade’ institucional que os liga e quem sabe descobrir, na permanência de conflitos tribais ou que os aproveitam, a falta de uma ordem vinculante capaz de regular as relações das tribos e de as constituir como povo (o que forçosamente significa consenso inter-tribal e implica a atuação de princípios tribocráticos previamente à constituição de estados de direito teo ou antrocráticos: monarquias, oligarquias, democracias).

O princípio metafórico autonomiza, portanto, o corpus jurídico-social que é o direito. O seu *animus* é regulador. Opera, separando da factualidade humana, dimensões do seu processo empírico. Sublima e sorve forças de interação social, convertendo-as em informação. Distingue-se do princípio normativo (conversor axiológico), pela sua natureza de conversor energético: informatiza atividade empírica.

O princípio metafórico separa a exigibilidade, do mundo empírico e das relações imediatas que nele se estabelecem. O princípio normativo forja os conteúdos normativos exigíveis. O princípio jurisdicional (a lei diz e diz o juiz) sagra a vinculatividade. E o princípio discursivo favorece a partilha dos códigos de decifração.

Surgindo a ordem jurídica como metáfora da factualidade empírica e das suas correlações dominiais de sagesa e força, com propósitos de conservação de efetividades sociais... condenadas a desaparecer (só mesmo graças aos deveres conjugais pode o velho ancião, por difusa e vasta que seja a sua sabedoria, aspirar à fidelidade das trinta esposas juvenis que integram o seu harém). Constitui portanto, a juridicidade, um relevantíssimo fator de poupança de energias e de desenvolvimento social (efeito pacificador e libertador), mas é também um estabilizador das relações empíricas metaforizadas (efeito conservador potencialmente anquilosante).

A separação virtual de dimensões da factualidade empírica, consubstanciando (metaforizando) formações jurídicas que se situam para além da densidade fáctica, carece de um “sistema formal de controlo”, verificação delitual e reposição do direito – realidade institucional cujo desempenho dinâmico cria interesses e valorações próprios, reendossados à factualidade empírica. Tal realidade institucional, geneticamente ligada, por força do princípio metafórico, à autonomização da ordem jurídica, está funcionalmente dirigida à realização do princípio jurisdicional.

Este quarto princípio ativa pois uma malha institucional própria, polarizada, coesa e articulada (órgãos criadores de direito; tribunais; polícia; sindicatos e ordens profissionais; órgãos de investigação, desenvolvimento e pedagogia), e partilha instituições com o poder político (sobretudo órgãos legislativos); mantém redes de comunicação com ordens de diferente natureza cultural (filosóficas, ideológicas, morais, religiosas); mobiliza uma ‘tecnologia’ ritual e de conceitos singular; insere nas positavações (leis, decisões judiciais) ingredientes comunicantes contextuais (processos rituais, cerimoniais, formais) e segmentos verbais eminentemente técnicos (terminologia, conceitos, institutos, princípios próprios) que nelas manifestam um duplo grau de comunicação (difusora e auto legitimadora) e de significação (linguístico-simbólica e jurídica). Fundo cultural (científico, dogmático, doutrinário, simbólico), hermenêutica, objeto, *modus operandi*, funções, estrutura institucional e teleologia animados pelo princípio jurisdicional e essenciais à autonomia social da instância jurídica.

II - A Ordem Jurídica como Ordem Sedutora e Disputada

Vários sistemas preceituais disputam a primazia na determinação dos comportamentos. Ordens económicas, instintivas, afetivas, marciais (empíricas), políticas, religiosas, éticas, estéticas, científicas e conceituais, morais ou filosóficas, interagem entre si disputando pessoas, preferências, razões, mercados, fundos, glórias, instituições.

Todas são, de igual sorte, ordens em debate: grupos de interesse empresariais e financeiros disputam primazias de mercado; classes sociais, sindicatos, associações patronais, ordens profissionais, assediam rendimentos, benefícios, posições de vantagem; partidos enfrentam-se antes das eleições, durante, depois; associações culturais, livrarias, hipermercados, trocam argumentos de política cultural; perspectivas filosóficas, morais, religiosas esgrimem argumentos, quando não pedras, balas, fogo...

A confrontação das várias ordens sociais é em regra dúplice, decorrendo pelo menos em duas arenas: a fáctica e mediática de adesões e resultados – e a jurídica, produtora das exigibilidades.

Em cada conflito social de interesses, aspiram as partes a intrometer no ordenamento jurídico, pretensões próprias: os grupos financeiros pressionam a produção de leis vantajosas à atividade financeira e à prossecução dos seus objetivos particulares; organizações sindicais exigem políticas de estabilização do emprego, organizações patronais pedem flexibilização; partidos políticos, projetam alterações constitucionais que lhes sejam vantajosas; perspectivas culturais, morais, religiosas, filosóficas combatem pela inserção jurídica das suas opções, posições, crenças e orientações (em matérias tão diversas como: consumo de drogas, adoção, educação sexual, aborto, etc.).

A ordem jurídica traça a fronteira da exigibilidade pública e dos limites à oponibilidade e à expansão de interesses opostos. É por isso uma ordem social especialmente sedutora e disputada.

III - A Ordem Jurídica como Exigibilidade Fundamental mas Alternativa

A regulação social, disposta por atuação de poderes fácticos de natureza económica, política, marcial, mágico-religiosa, processa-se por duas vias em contínua disputa de preponderância: a decisão prepotente ou arbitrária, uma; e a ordenação jurídica, outra. Noções socialmente praticadas e verbalmente transmissíveis, formuladas ou não (de: permissão, proibição, castigo – licitude, ilicitude, sanção), estabelecem duas ordens de definição social da exigibilidade, a jurídica e a arbitrária ou prepotente – ambas acionáveis verbal e fisicamente.

A palavra e a ação física (policial) do chefe, do senhor, do príncipe terreno e da igreja, do possidente, sempre foram importantes fontes de regulação arbitrária e imposição de condutas. No confronto com estas, a palavra e a ação física (policial) decorrentes da regra jurídica apresentam a qualidade de serem fundadas, previsíveis, cognoscíveis e internamente vinculativas.

As ordens jurídicas e as ordens empírico-arbitrárias desafiam-se reciprocamente. Estas mais acrítica e univocamente expressam a voracidade dos poderes fácticos, que paradoxalmente vulnerabilizam – pois desguarnecem e expõem a superiores resistências e crises. As virtualidades da regra e da ordem jurídicas como modos de regulação social permitem, ao menos aparentemente, que dominem a cena da organização social das condutas.

Atuações fácticas recentes e velhas, e velhos e novos poderes, diferencialmente reiteram dislates humanos antigos: a importância financeira de tráfico ilegal (armas, drogas, pessoas, órgãos), intervenções científicas mal recobertas pelo tecido jurídico, ilícitos com novas tecnologias da comunicação praticamente insindicáveis, o céu das grandes metrópoles como único abrigo de populações inteiras, atentados polimórficos constantes ao ambiente e aos recursos naturais, exploração sexual e económica de crianças, tortura, crimes contra etnias e a humanidade – dão em banda negra uma factualidade sem direito, em que o arbítrio impera.



Os nossos órgãos durante uma bebedeira

Sabias que...

Quando vais a um bar beber uma cerveja, beber duas, três e assim sucessivamente...

O teu estomago envia uma mensagem ao teu cérebro:

- Espera aí... o gajo está a beber muito líquido, já estou a ficar cheio!

O teu estomago e o teu cérebro não distinguem que tipo de líquido está a ser ingerido por ti, apenas sabem que é um líquido!

Quando o cérebro recebe esta mensagem dia: - Eh lá! O gajo está marado!

E de seguida envia a seguinte mensagem para os rins:

- Meu, filtra o máximo de sangue que puderes, porque o gajo está marado e está a beber muito líquido! Vamos deitar isso tudo p'ra fora!

E os rins começam a fazer horas extras... Filtra muito sangue e enche-se rapidamente!

Então, vem a primeira ida à casa de banho. Se reparar, esta primeira urina tem a cor normal, isto é, é meio amarelado, porque além de água, contém também as impurezas do sangue.

Os rins aliviaram a vida do estomago, mas tu continuas a beber e o estomago manda outra mensagem ao cérebro:

- Meu, ele não pára! Socorro!

E o cérebro envia outra mensagem aos rins:

- Meu amigo, vê as filtragens!

Os rins começam a filtrar feitos doidos, só que agora, o que expulsa não é álcool! O que envia para a bexiga é só água, o líquido precioso do corpo! É por este motivo que a urina é transparente – porque é apenas água! E quanto mais se continua a beber, mais o organismo deita água para fora e o teor de álcool no organismo aumenta, e tu vais ficando mais 'passado'!

Chega a uma altura que estás com um teor alcoólico tão alto que o teu cérebro faz-te 'desligar'. É então que desmaias ou adormeces!

O cérebro faz isto porque pensa: - o gajo está a querer matar-se e está a meter veneno no corpo... vou por este doido a dormir, para ver se assim ele para de beber e nós tentamos expulsar o álcool do corpo dele.

Enquanto estás apagado, o cérebro dá a seguinte ordem ao sangue: - Epá, já pus o gajo a dormir! Agora temos que tirar o veneno do corpo dele! O meu plano é o seguinte: como estamos com o nível de água muito baixo, vamos passar por todos os órgãos e tirar a água deles e assim, conseguimos deitar fora este veneno!

O sangue é como se fosse o rapaz de recados do corpo, e como um bom rapaz de recados obedece às ordens direitinho, e por isso, começa a tirar a água de todos os órgãos. Como o cérebro é constituído por 75% de água, é quem mais sofre com esta 'ordem', e daqui vêm as terríveis dores de cabeça da ressaca.

Sei que na altura nem pensamos nisto, mas quando forem para os copos, bebam um copo de água de meia em meia hora, porque à medida que vão urinar, vão repondo deste modo a água no corpo.

Sabias que...

Beber água na hora correta maximiza os cuidados no corpo humano?

2 copos de água depois de acordar ajuda a ativar os órgãos internos;

1 copo de água 30 minutos antes de comer ajuda na digestão;

1 copo de água antes de tomar banho ajuda a baixar a pressão sanguínea;

1 copo de água antes de ir dormir evita ataques de coração.



Soberba anedota...

Um homem caminhava por uma estrada, quando se apercebe de um balão a voar baixo. O balonista acena-lhe desesperadamente. Consegue fazer o balão baixar ao máximo possível e grita:

- Pode ajudar-me? Prometi a um amigo que me encontraria com ele às 2 horas da tarde, mas, já são quatro horas e nem sei onde estou. Pode dizer-me onde me encontro? O homem da estrada responde:

- Sim! Você está a flutuar a uns cinco metros acima da estrada, e está a 38° 46' de latitude Norte e a 09° 08' de longitude Oeste.

O balonista escuta e pergunta com sorriso irónico:

- Você é engenheiro?

- Sim, senhor! Como descobriu?

- Simples! O que você me disse está tecnicamente correto, porém, a sua informação não me é útil e continuo perdido. Será que consegue dar uma resposta mais satisfatória?

O engenheiro, depois de uma breve pausa, pergunta ao balonista:

- E você é político?

- Sim, sou um político filiado! Como é que descobriu?

- Fácil! Se for capaz, siga o meu raciocínio:

- Você subiu sem se preparar e sem ter a mínima noção de orientação! Não sabe o que fazer, onde está, e tampouco para onde ir! Fez uma promessa e não tem a menor ideia de como conseguirá cumpri-la! Espera que outra pessoa resolva o seu problema, continua perdido e acha que a culpa do seu problema passou a ser minha!

É POLITICO nato!!!

De onde viemos?

- Mãe, mãe, de onde viemos?
 - Filho, o Homem é descendente de Adão e Eva!
 - Mas o pai disse-me que o Homem descende do macaco! - responde o filho.
- E a mãe responde:
- Uma coisa é a família do teu pai, outra coisa é a minha!

Na farmácia

Um homem chega à farmácia e pergunta:

- Tem calmantes?
- Sim! Responde o farmacêutico.
- Então tome dois ou três, que isto é um assalto!

Expulsão

Encontram-se dois amigos, e um deles estava visivelmente triste, pelo que o outro pergunta:

- Então que é que se passa?
- É que fui expulso da universidade! Responde o amigo.
- A sério!? Então porque?
- Responde o amigo:
- Oh, sei lá? Já não vou lá à meio ano!

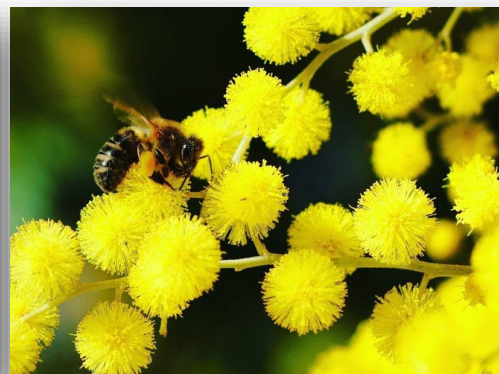
Aula de Inglês

A professora para o aluno:

- Como se diz em inglês: "o gato caiu na água e afogou-se"?

E diz o miúdo:

- Essa é fácil! - "The cat catrapum in the water and glugluglu and not more miau miau..."





ASSOCIAÇÃO
Santo Mamede

Jornal O Ribatua
Associação Santo Mamede

Edição
José Mário Seixas

Colaboradores
António Rocha
Joana Pinto Leite
José Mário Morais
José Mário Seixas
António Manuel T. Lopes Cruz
António J. Pinto da Rocha
Pedro Azevedo
Manuel do Carmo Monteiro
José Abreu Fonseca - Filho

Agradecimentos
Ana Sofia Vieira Ribeiro
Filipe Pires Pinto

Fotografias
José Mário Seixas
Joana Pinto Leite
Helena Ribeiro



*S. Mamede Ribatua,
Terra tão linda e divina!
Tem belezas naturais,
Que em poucas partes
Se encontram iguais...*